

Coronavirus

O fim

Só depende de mim





**Só depende de mim**

**1ª edição**

**Feira de Santana – BA  
2020  
Edições & Publicações**



Só depende de mim

**1ª Edição**

Diagramação e capa: Lenilson Silva

Organizador: Maroel Bispo

ISBN:

---

**CIP – Brasil – Catalogação na Publicação**

**Ficha Catalográfica feita na editora**

BISPO, Maroel. SILVA, Lenilson

Só depende de mim - 1ª ed. Feira de Santana - BA: Edições & Publicações 2020.

Pgs.: 108. 14 x 21 cm (broch.)

ISBN:

1. Poesia. 2. Título.

CDD. B869.8

---

**Índice para catálogo sistemático**

1. Poesia. 2. Título.

## SUMÁRIO

É tarde de quinta?.....	6
Carregando a Esperança.....	7
Desiderato da aldeia.....	9
Catarse Clandestina.....	10
Pra não dizer que não falei de máscaras.....	12
Pandemônio.....	13
Abraçar e recomeçar.....	15
Um clamor a Deus.....	16
O mundo, o caos.....	18
5 do 5.....	19
Perseverando na Fé.....	21
Revelação Futura.....	22
Vai passar.....	24
Luto.....	25
Só depende de mim.....	27
“Tempos de transformação”.....	28
Tempo.....	30
Veludo.....	31
Melhor lugar.....	33
Pode ser?.....	34
Hoje.....	36
Força invisível.....	37
Que eu seja luz na pandemia.....	39
Só depende de mim.....	40
Quando eu partir.....	42
Lutando pela mesma vida.....	43
Corpo pandêmico.....	45
Sossego.....	46
Escolhas.....	48
Dependência.....	49
Sra. Pandemia.....	51
Pandemia do Novo Coronavírus.....	52
Chuvas de Pandemia – Primeiro Tempo.....	55
Chuvas de Pandemia – Segundo Tempo.....	56

Amazônia Sangra.....	58
Mulher Esperança.....	60
Uma geografia macabra.....	62
Caixa de Pandora.....	63
Vencendo o Desconhecido Covid 19.....	65
Tempos de Pandemia.....	66
Sonhos pós pandemia.....	68
Nova vida velha.....	69
Solidários.....	71
Olhos de esperança.....	72
Da janela.....	74
Quarenta.....	75
Pandemia.....	77
Depois da pandemia.....	78
De repente.....	80
Confinados.....	82
O antes que sempre será depois.....	83
A vala comum.....	85
Ele se foi.....	86
Exíguo.....	88
Canção ao menino de rua.....	90
Covid 19.....	92
Um sonho de pandemia.....	93
Tirai a máscara.....	95
O amanhã.....	96
Covid 19.....	98
O que eu quero.....	99
Bailando com os anjos.....	101
Atônicos com uma realidade.....	102
Seu Nome.....	105
Isolamento Social.....	106
Pandemia e loucura.....	108
Vírus corona.....	109



## É tarde de quinta?

Muros pichados de tinta exibem protestos.  
Ruas sozinhas emitem silêncios funestos,  
    Às vésperas de uma sexta-feira...  
Os dias perderam a identidade sobremaneira...  
    Toda alegria agora é sucinta.  
    Dorme-se à hora de acordar  
    E, à noite, inquieta-se.  
Para uns, ganhar continua sendo a única meta.  
    Para outros, manter-se vivo  
        É o grande objetivo.  
    O bom-dia do vizinho emudece.  
É como uma ave prisioneira que engole seu canto.  
    O mundo recorre à prece.  
    Cárcere agora protege do espanto.  
Os dias perderam a identidade sobremaneira...  
E toda a semana há um domingo que sempre me engana  
    Que é sexta-feira.  
    É sexta ou quinta o dia que pinta?

Suely Andrade

## Carregando a Esperança

Quando o tempo bom vier,  
Carregando a esperança  
— Com ares de cana verde —  
E o céu enfeitado de nuvens,  
Vou olhar para trás e pensar:  
“Aquele mundo jamais!”.  
Quando o sol trouxer o sorriso aberto do helianto,  
Saberei que os dias já não são de espanto  
E sentirei um abraço da paz.

Suely Andrade



Suely Andrade graduou-se em Letras Português/Literaturas pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. É professora de Língua Portuguesa e de Literatura; atua hoje como revisora textual, mas ainda ama a sala de aula. Diverte-se bastante com a análise literária, especialmente de poemas de autores brasileiros e lusos, consagrados ou não. Dispensa horas a fio à sua produção literária (escreve desde os nove anos). Mantém uma página no site Recanto das Letras e outra no Facebook, onde publica textos variados. A autora acredita que, ao escrever, escritoras e escritores traçam inevitavelmente o encontro com seus futuros leitores e acha que isso só não é o bastante porque escrever é mais: é quase voar.

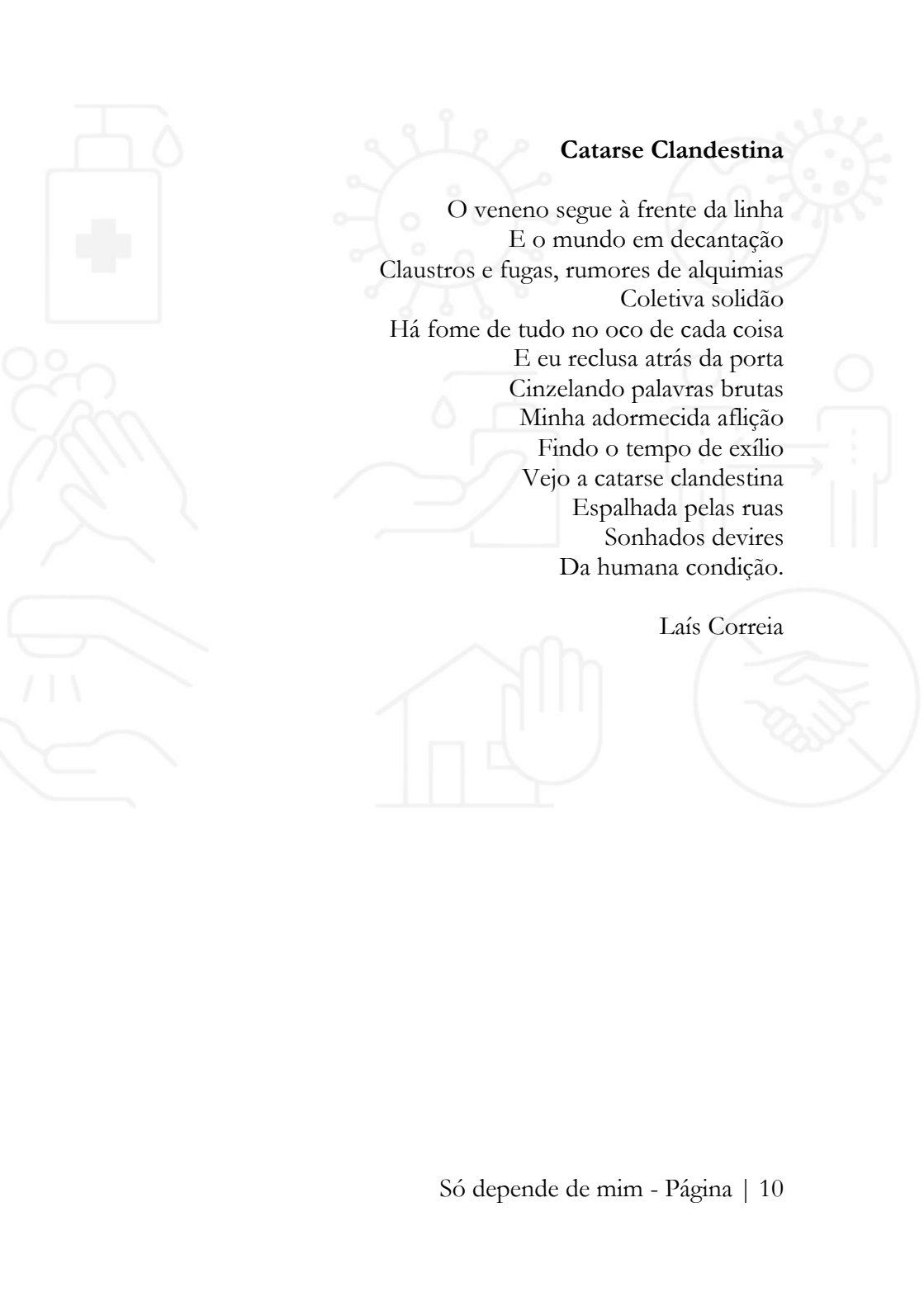
---



## Desiderato da aldeia

Acordaram cansados os aldeados  
Depois de longos desideratos  
A (re) invenção do cotidiano  
Braços alongados em cabos flutuantes  
Todas as utopias cabem em satélites, veias e vias  
Perfuram as raízes da minha aldeia  
Desenham novos contornos para a humana colmeia  
Linhas de imprevisão  
Pós-mundo líquido e imiscível  
Um antivírus para a gordura invisível  
O ruído agudo dos estômagos pede proteção  
É servido o banquete  
Suculentos Migliaccios, saborosas Lúcides e porções de  
Aldir  
Pode-se dançar, corpos separados  
Um pra lá, outro pra cá: catarses do devir.

Laís Correia



## Catarse Clandestina

O veneno segue à frente da linha  
E o mundo em decantação  
Claustros e fugas, rumores de alquimias  
Coletiva solidão  
Há fome de tudo no oco de cada coisa  
E eu reclusa atrás da porta  
Cinzelando palavras brutas  
Minha adormecida aflição  
Findo o tempo de exílio  
Vejo a catarse clandestina  
Espalhada pelas ruas  
Sonhados devires  
Da humana condição.

Laís Correia



Laís Correia é graduada em Letras Clássicas pela Universidade Federal da Paraíba. Desde criança é apaixonada pelas palavras. Tem nas letras a sua vida e inspiração.



## **Pra não dizer que não falei de máscaras**

De ponto em ponto, de pronto  
A agulha segue seu tec-tec-tec  
Num sobe e desce cadenciado  
E logo haverá mais um mascarado  
O tecido é moldado e costurado  
Para adaptar-se aos rostos  
E de lá pra cá, daqui pra lá  
Mais tec-tecs para arrematar  
É uma moda colorida ou discreta  
Para proteger de um inimigo  
Que está rondando sem vigiar  
E espalha-se invisível pelo ar  
Agora os olhos revelam a expressão  
De que tem medo ou insegurança  
Ou dos inconsequentes e dissimulados  
Que se divertem despreocupados  
E há os que deixaram cair a máscara  
Da hipocrisia e do descaso  
E de cara limpa expõe sua maldade  
Sem demonstrar humanidade  
E em meio a gripezinha da pandemia  
Negam-se a admitir os fatos  
Quer que eu faça o quê?”, dizem  
E Morre gente todo dia! e riem  
E as fábricas de máscaras progridem  
E os agentes funerários estão de plantão  
Milhares de vítimas e... se a cura não chegar  
Só os roçados da morte compensam aqui cultivar!

Cleusa Piovesan

## **Pandemônio**

E o mundo voltou a se movimentar  
Com desconfiança, perdida a fé  
Onde enterraram tantos mortos  
Em valas comuns sem direitos?  
Esse é um questionamento absorto  
Que não nos diz mais respeito  
Onde ficou a esperança  
De andar na rua livremente  
Se o mundo está contaminado?  
As máscaras ainda ocultam os sorrisos  
Porque os sentimentos ruíram  
Roubaram-nos a ideia de Paraíso  
Criaram-se doentes dementes!  
Doentes de uma psicopatia social  
Com medo de toques e de carinho  
Com medo de simplesmente respirar  
Contaminados por um isolamento  
Aprisionados em seus ninhos  
A pandemia e suas sequelas  
Um modelo de holocausto viral  
Que se transformou num pandemônio  
Todos espiam em suas janelas  
Sem coragem, vivem com seus demônios  
Que se ocultam numa prisão mental

Cleusa Piovesan



---

CLEUSA PIOVESAN – Nasceu em São João/PR, em 12/05/1967, reside em Capanema/PR. Licenciada em Letras, Português/Inglês, e em Pedagogia, Especialização em Linguagens, Códigos e Suas tecnologias; e em Língua e Literatura, Mestre em Letras ((UNIOESTE/PR), autora de: Não diga que a poesia está perdida; Fragmentos; O caso é bão? Aí, varria, né! (2016); Haicaindo n'alma (2017); e organizadora de Nossa mágica fábrica de sonhos (2016) e Tipologias e gêneros textuais (sob o olhar do aluno) (todos pela Editora JdeB/2017); Descaminhos (Darda Editora/2019); Um toque de magia (Leia Livros/2020); participação em várias Antologias e Coletâneas. Contatos: Site: <https://bit.ly/3dNQTwf>; Facebook: <https://www.facebook.com/cleusa.piovesan>.

---

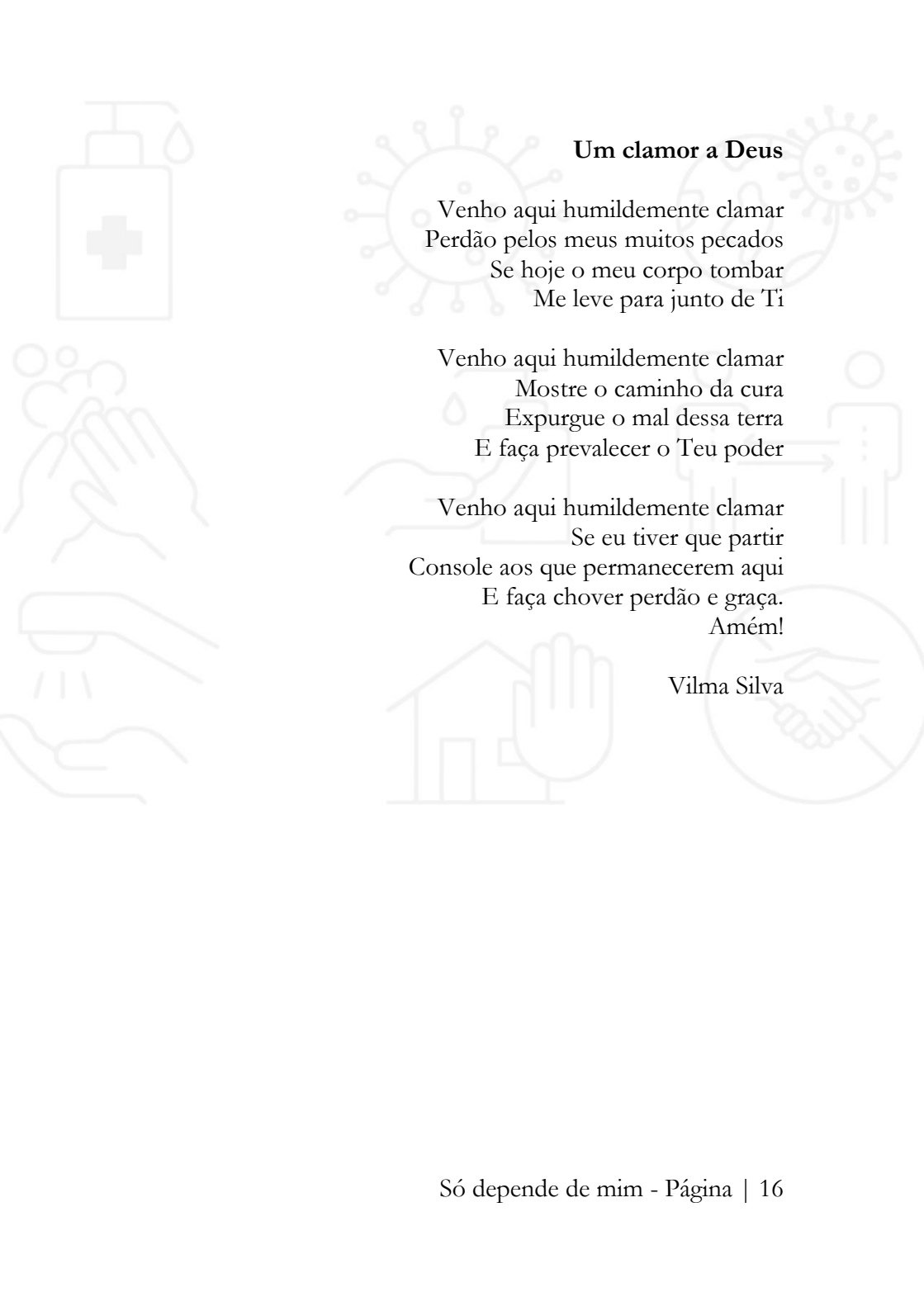
## **Abraçar e recomeçar**

Hoje eu tenho tempo  
Para ver o tempo passar  
Tempo não propício ao passo  
Nem tão pouco ao abraço.

Tempo que outrora desejei parar  
Hoje eu quero mesmo é que voe  
Voe levando o tempo das dores  
E o cheiro das flores dos túmulos.

Hoje eu quero dormir  
E quando meus olhos abrirem  
Perceber que já posso abraçar  
Que o tempo é de recomeçar.

Vilma Silva



## Um clamor a Deus

Venho aqui humildemente clamar  
Perdão pelos meus muitos pecados  
Se hoje o meu corpo tomar  
Me leve para junto de Ti

Venho aqui humildemente clamar  
Mostre o caminho da cura  
Expurgue o mal dessa terra  
E faça prevalecer o Teu poder

Venho aqui humildemente clamar  
Se eu tiver que partir  
Console aos que permanecerem aqui  
E faça chover perdão e graça.  
Amém!

Vilma Silva





---

Vilma Silva: Bacharelada em ciências econômicas pela FICOM – Faculdades Integradas Colégio Moderno em 1988 e Especializada em Administração Hospitalar pela UNAERP- Instituição de Ensino Superior de Ribeirão Preto. Aposentada e amante da poesia.

---



## O mundo, o caos

Em meio a esse caos  
Horas de incertezas  
Medo dos números que aumentam  
Medo de se tornam mais um deles  
Isolados em prol da causa  
Afastados pelo controle da praga  
Momento em que fazer o certo faz a diferença  
Sem pensar que é obra divina  
Ou qualquer tipo de punição  
É só obra do acaso, dos seres  
Do universo, que nos ignora  
E desce os dias normalmente  
Como se nada tivesse mudado  
Assustadoramente calmo  
Ignora nosso medo, nem se quer nos conhece  
É alheio ao que sentimentos  
Só segue e vai seguindo...

Anna Lima

## 5 do 5

Hoje é 5 do 5  
Isso não significa nada  
Ou talvez signifique tudo  
A sincronia do mundo  
Foi 5 e 5 da manhã  
Tinha os olhos pregados  
Não vi o amanhecer  
Perdi o bom-dia dos deuses  
Foi 5 e 5 da tarde  
Tinha a boca cheia  
Vendo mais uma notícia igual na TV  
Temendo mais uma vez um par de números  
Hoje é 5 do 5  
Passaram-se tantos dias de um ano carregado  
De tantas coisas  
Foram 126 na verdade  
Pode até ser pouco  
Mas a sensação é de eternidade.

Anna Lima



---

Anna Lima, nascida em 20 de agosto de 1993, cresceu ao lado dos pais e irmãs. Começou a escrever aos 16 anos e nunca deixou essa paixão. Dona de um espírito sonhador, sempre busca olhar o lado bom da vida, isso a inspira a escrever desde coisas banais até assuntos delicados como a morte. Formada em Letras pela PUCPR, ela se dedica a trabalhar com as palavras e extrair o melhor delas.

---

## **Perseverando na Fé**

Neste ano a fé de todos foi provada.  
Uma Pandemia Global, um sinal da sua volta comprovada.  
Entramos na Quarentena de março a julho, a fé foi renovada?

Até o momento a fé segue perseverando.  
A fé de um e de outro se comparando,  
Um vírus desconhecido, da comunhão, segue nos afastando.

Os cristãos continuam perseverando na fé com determinação.  
Adotaram o Afastamento Social para evitar a contaminação,  
A Internet e Redes Sociais ferramentas de evangelização.

Quer uma prova que estamos perseverando na fé, realmente?  
Muitos passaram a dizimistas e ofertantes fielmente,  
Mesmo havendo desemprego e outros fatores escalonadamente.  
Houve doações de cestas de alimentos progressivamente.

Estão perseverando na fé cristãos autênticos.  
Verdadeiros adoradores que vivem seus cânticos,  
E que pela palavra desejam ser como Cristo, idênticos!

André Luiz Martins de Almeida

## Revelação Futura

O cristão não se baseia em conjectura.  
O seu viver não depende de revelação futura.  
O cristianismo não é dependente de cultura.

Os acontecimentos ignoram a revelação.  
Os participantes esperam sua escalação.  
Todos aguardam o momento de cooperação.

Estamos nos esforçando por revelações passadas,  
Contudo, sabemos que são bíblicamente usadas  
E que seus feitos nesta revelação futura não são pausados!

Tudo acontece na sua frente, então fique atento!  
Você de uma decisão não ficará isento.  
Aproveite desta revelação que compartilho e apresento.

André Luiz Martins de Almeida



André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, Mora em Queimados desde a infância, mas morou em outros bairros de Nova Iguaçu e em outros Estados como o Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986. Com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, participou de vários outros concursos em 2016. É membro da Primeira Igreja Batista de Queimados desde 2014. Publicou seu primeiro livro autoral completo Antologia Poética “Aspirações de um Discípulo” pela Drago Editorial em 2019.

---

## Vai passar

Sinto tanto sua falta, esse vírus veio repentino,  
Nem deu tempo para nos vermos novamente.

Sei que será por pouco tempo, mas odeio  
A ideia de não ter você comigo agora.

Faz um tempo que nos falamos a última vez.

Estou daqui, torcendo pela sua recuperação.

Logo estará curado e tudo voltará ao normal.  
Acredito, tudo vai passar, venceremos juntos.

Enquanto isso, fico admirando nossas fotos,  
Relembro os momentos felizes que tivemos.

Agradeço aos deuses a dádiva da vida e o  
Privilegio de compartilhar sonhos com você.

Quando tudo isso passar, correrei para seus braços

Vamos poder nos abraçar e beijar até o sol raiar.

Vai ser a melhor coisa te ter de novo ao meu lado.

Eu já te digo que não vou te largar nunca mais.

Edna Oliveira Alves



## Luto

Queria ter dito eu te amo tantas vezes,  
Ter dado os abraços apertados,  
Ter passado mais tempo com você,  
Mas me faltou coragem.

Eu reclamava quando queria me ver,  
Não gostava quando me convidava pra sair,  
Não te entendia e também não queria te ouvir.  
Agora, me arrependo, por não ter te escutado  
Por não fazer questão e não ter valorizado,  
Mas, não muda o que passou.

Queria poder te ver novamente,  
Nem que seja só por um instante.  
O Seu sorriso ficou na minha mente.

Era tão bonito e reluzente.  
Agora, só me resta a saudade,  
A lagrima correndo sobre meu rosto  
E esse maldito arrependimento.

Minha ficha ainda não caiu,  
Às vezes penso que é mentira  
E da minha vida, você não saiu.  
Mas ainda há esperança de um dia  
Te reencontrar, em algum lugar  
Que chamaremos de nosso lar.  
E por mais difícil que seja aceitar  
Que você foi e não volta mais,  
Eu digo, vá, descanse em paz.

Edna Oliveira Alves



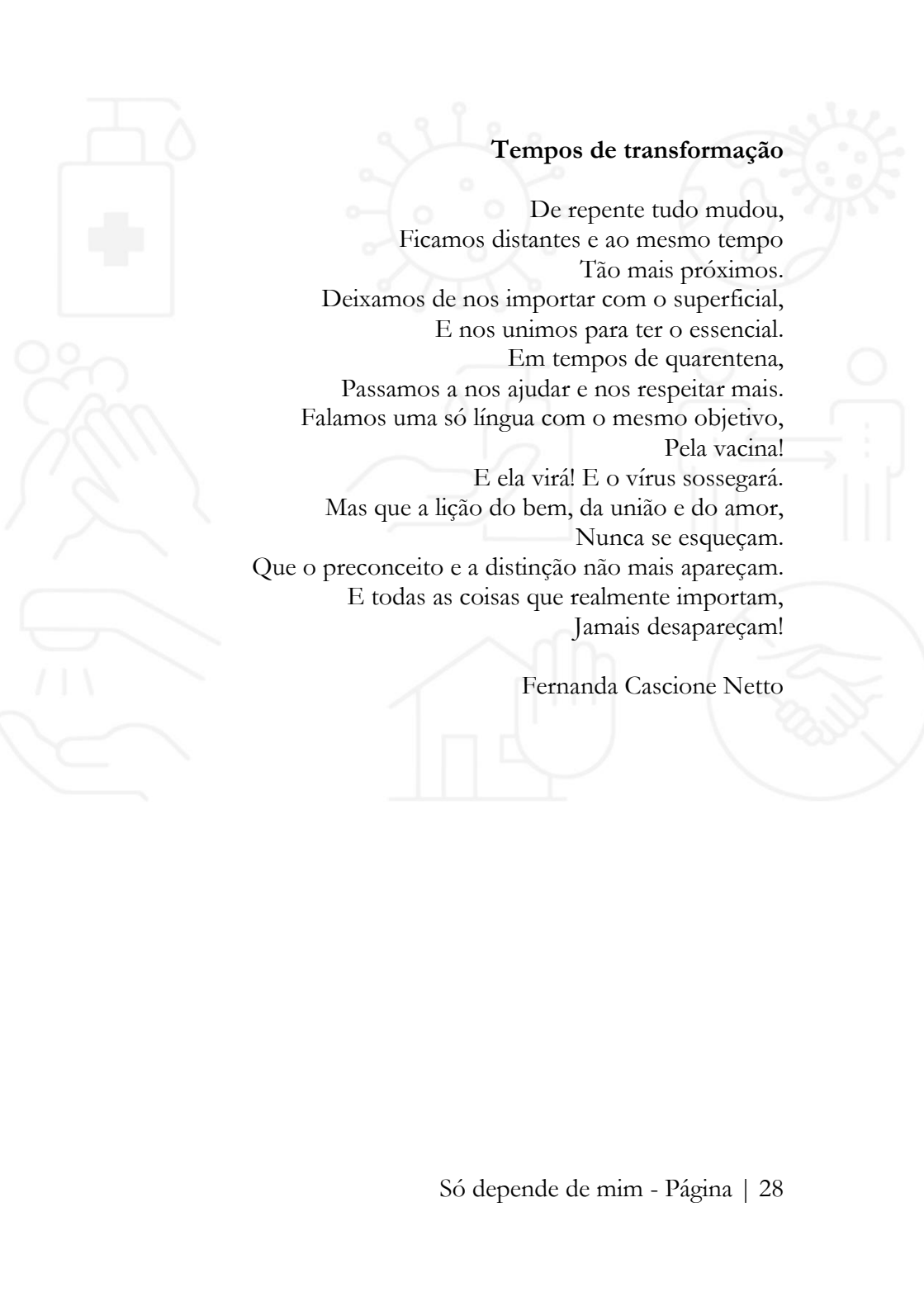
Edna Oliveira Alves – Belo Horizonte-MG. Desde os oito anos escrevia, sempre teve o sonho de ser escritora e publicar. Formou-se em Psicologia em agosto de 2019, durante sua graduação, se dedicou aos estudos, após sua formação, voltou a escrever, fez curso de escrita criativa e está com um canal no Instagram para divulgar seu trabalho. Acredita que por meio disso, pode se conectar com pessoas e transformar vidas.



## Só depende de mim

Em minhas memórias recentes  
Me dou conta de como tudo aconteceu repentinamente.  
O que eu almejava ontem  
Já não cabe mais no hoje.  
Algo aqui dentro também mudou,  
E a minha vida inteira transformou.  
Dizem que se não é pelo amor  
É pela dor.  
Dor esta que uns sentem  
Mais do que outros.  
Mas contemplou a todos  
Num grande tormento.  
Chorei junto o pranto do próximo,  
Me coloquei na linha de frente,  
Em oração, fé e mente.  
Mudei minha rotina,  
Me adaptei ao novo,  
Para proteger os meus,  
Os seus e os nossos.  
Deixei meus desejos e anseios  
Para um outro momento.  
Agora minha intenção  
É seguir com o coração  
Na torcida pela cura,  
E na busca da minha evolução.  
E só depende de mim o caminho a seguir,  
Só depende de mim ir até o fim e jamais desistir!

Fernanda Cascione Netto



## Tempos de transformação

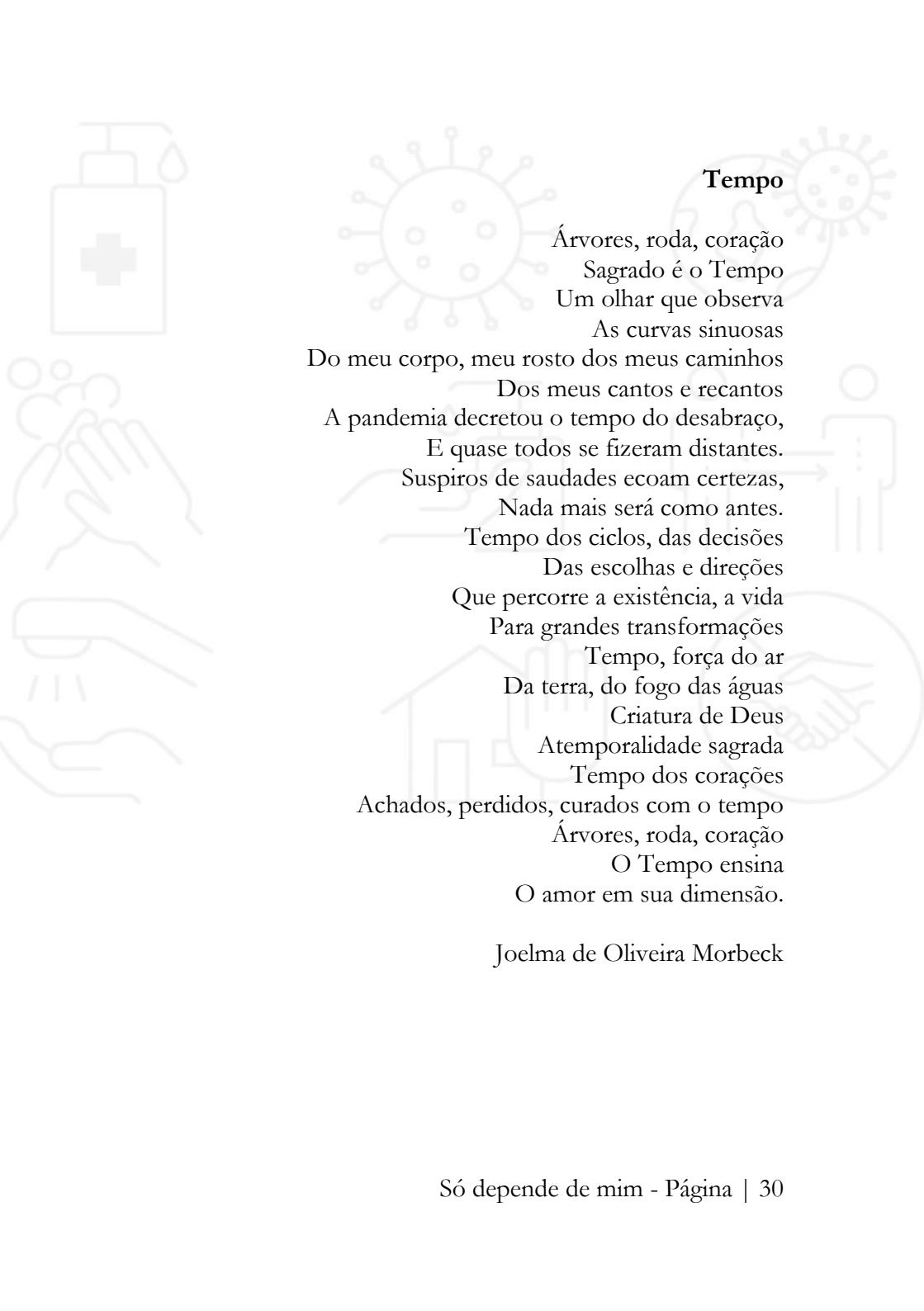
De repente tudo mudou,  
Ficamos distantes e ao mesmo tempo  
Tão mais próximos.  
Deixamos de nos importar com o superficial,  
E nos unimos para ter o essencial.  
Em tempos de quarentena,  
Passamos a nos ajudar e nos respeitar mais.  
Falamos uma só língua com o mesmo objetivo,  
Pela vacina!  
E ela virá! E o vírus sossegará.  
Mas que a lição do bem, da união e do amor,  
Nunca se esqueçam.  
Que o preconceito e a distinção não mais apareçam.  
E todas as coisas que realmente importam,  
Jamais desapareçam!

Fernanda Cascione Netto



Fernanda Cascione, é escritora de poemas e contos. Nasceu em Santos e tem 39 anos. Desde cedo ela gosta de escrever, mas somente agora resolver dar voz a esta paixão. Criou uma página no Instagram @escrevendopeloscantos, para compartilhar e inspirar suas criações poéticas. Participou pela primeira vez de um concurso de poesia, e foi selecionada entre outros, com seu poema intitulado “Talvez”, o qual faz parte da “Antologia Poética do Festival Brasileiro de Novos Poetas 2020”. Fernanda já têm alguns projetos em vista e o sonho de escrever e publicar um livro.

---



## Tempo

Árvores, roda, coração  
Sagrado é o Tempo  
Um olhar que observa  
As curvas sinuosas  
Do meu corpo, meu rosto dos meus caminhos  
Dos meus cantos e recantos  
A pandemia decretou o tempo do desabraço,  
E quase todos se fizeram distantes.  
Suspiros de saudades ecoam certezas,  
Nada mais será como antes.  
Tempo dos ciclos, das decisões  
Das escolhas e direções  
Que percorre a existência, a vida  
Para grandes transformações  
Tempo, força do ar  
Da terra, do fogo das águas  
Criatura de Deus  
Atemporalidade sagrada  
Tempo dos corações  
Achados, perdidos, curados com o tempo  
Árvores, roda, coração  
O Tempo ensina  
O amor em sua dimensão.

Joelma de Oliveira Morbeck

## Veludo

Palavras tem um tom azul celestial  
Minha voz é minha vida  
Que caem como poemas do céu  
Voz que também pranteia, diante do brado mortal,  
Ceifando tantas vidas, com esse vírus do mal.  
Caminhos entre a mente e o coração  
Suave como anjos  
Conversas, palavras são como fios de luz.  
Que harmonizam os momentos de tensão  
Vibrando alto numa só frequência  
que reluz sons angelicais, na minha voz.  
Conversas tem de ser flores  
Mesmo que o motivo seja falar das dores  
Sempre estou quando for conversar  
Com cor minha cor azul, aveludada.  
Sou Veludo, sou da paz entre os irmãos.  
Sou a voz, sou a mansidão.  
Me chame que eu chego para amaciar  
qualquer situação embaraçada  
Com gotas aveludadas de pura luz  
Em forma de palavras aveludadas.  
Sou Veludo.

Joelma de Oliveira Morbeck



Joelma de Oliveira Morbeck, filha de Benedito Morbeck de Souza e Estelita de Oliveira Morbeck. Nasci na cidade de Ruy Barbosa,-Bahia. Cheguei em Feira de Santana aos 12 anos, onde me criei, estudei, me casei e estou até o presente momento. Membro da ALAFS (Academia de Letras e Artes de Feira de Santana). Assistente Social, psicoterapeuta, artista plástica, poetisa e cantora. Gosto da vida, é na vida que exerço minha missão profissional, espiritual, trabalhando, escrevendo, lendo e vivendo com amor e gratidão.





## **Melhor lugar**

Talvez não seja “ficar em casa o motivo da nossa  
agonia

Talvez seja chata nossa própria companhia.

Claro que estamos todos preocupados

E chateados por essa condição

Mas talvez ficarmos confinados

Seja algo sagrado

Um bem para nossa nação

Já há menos acidentes, menos poluição

Gente que faz oração todos os dias

Gente que aprendeu a ler e a declamar poesias.

Hoje somos uma rede

Não estamos isolados totalmente

Não ficamos mais em casa admirando as paredes

Estamos ligados com o mundo todo

E o mundo todo está com a gente.

Mas talvez, o mais importante

Não seja estar conectado

Com o que a internet proporciona

Talvez o melhor seja se conectar

Com quem nunca te abandona..

Você mesmo!!

Olhe mais para sua alma

Não fique apenas à esmo

Acalma! Aprenda a se amar...

Confinados em casa

Numa espaçonave da Nasa

Com os pés no chão ou criando asas

Nós devemos sempre ser

Nosso melhor lugar.

Fabio Granville

**Pode ser?**

Pode ser com você...  
Pode ser um de seus pais (Ou os dois)  
Pode ser um filho (ou dois, ou três...)  
Pode ser seus primos, seus tios, seus avós...  
Pode ser todos de uma vez...  
  
Pode ser um de seus amigos (ou mais)  
Um colega de trabalho (ou alguns)  
Pode ser um vizinho, o filho de alguém da escola,  
Aquele que você joga bola, um conhecido em comum...  
Pode ser o médico da família...  
A moça do mercado, o atendente da drogaria...  
Pode ser o porteiro do prédio, a professora do colégio  
Ou quem te dá pão na padaria...  
Pode ser quem você nem conheça...  
Um morador de rua ou um artista famoso...  
Pode ser em outro continente, um sadio ou um doente,  
Um jovem, uma senhora, um idoso...  
Pode ser cristão, ateu, muçulmano, judeu,  
Pode ser alguém com ou sem fé  
Pode ser as tantas Marias e os tantos Josés  
Para nós, ainda, pode ser...  
Mas pra muita gente já foi...ou já é.  
Quantos irão sobreviver?  
Quantas mortes terão de acontecer  
Pra você parar de pagar pra ver?  
Será que, sua parte, dá pra fazer?  
E aí?  
Pode ser?

Fabio Granville



O poeta Fabio Granville tem 39 anos, nasceu na cidade de Santos/SP onde atua como professor de matemática. Amante da poesia, escreve em diversos estilos, sempre antenado às situações do cotidiano. Por ser espírita, também escreve sobre o tema, participando de evangelhos declamando suas poesias. Em suas redes sociais, desenvolve um projeto que se iniciou nesta pandemia intitulado #versosmaquiados com sua namorada maquiadora. Também é autor do livro de poesia “Um ser inacabado” pela ed. Clube dos Autores.



Hoje

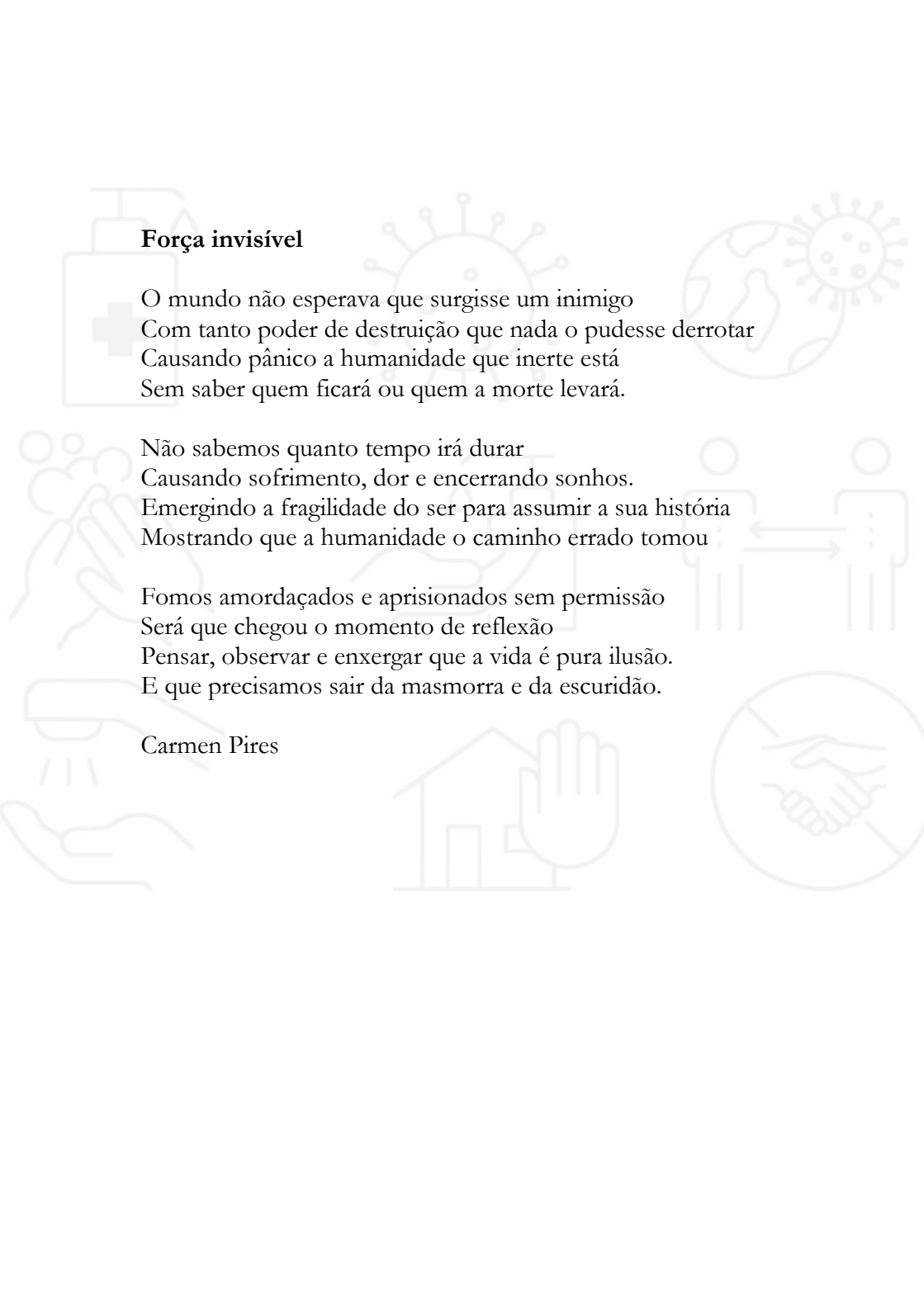
Na imensidão do universo que opera as mutações  
Percebo que a vida é pura ilusão  
Que só será percebida e sentida  
Nos meandros sutis da alma e do coração.

Há! Como somos ingênuos, ao sermos desafiados.  
Nascemos, crescemos, mas não amadurecemos.  
Porém o universo esplêndido abala as estruturas  
Mostrando na sua força germinal que nunca teremos razão.

Só ele tem o poder de construir como também de destruir  
Definindo o início e o fim sem consentimento  
Pois nos humanos temos limites e fragilidades.  
Desafiando-nos sempre a aceitação sem perdão.

Há! Este universo com sua sapiência divina  
Está mostrando no agora sua grandeza e onipotência  
Pois somos simples seres, porém prepotentes.  
Que não querem refletir sobre o agora da renovação.

Carmen Pires



## Força invisível

O mundo não esperava que surgisse um inimigo  
Com tanto poder de destruição que nada o pudesse derrotar  
Causando pânico a humanidade que inerte está  
Sem saber quem ficará ou quem a morte levará.

Não sabemos quanto tempo irá durar  
Causando sofrimento, dor e encerrando sonhos.  
Emergindo a fragilidade do ser para assumir a sua história  
Mostrando que a humanidade o caminho errado tomou

Fomos amordaçados e aprisionados sem permissão  
Será que chegou o momento de reflexão  
Pensar, observar e enxergar que a vida é pura ilusão.  
E que precisamos sair da masmorra e da escuridão.

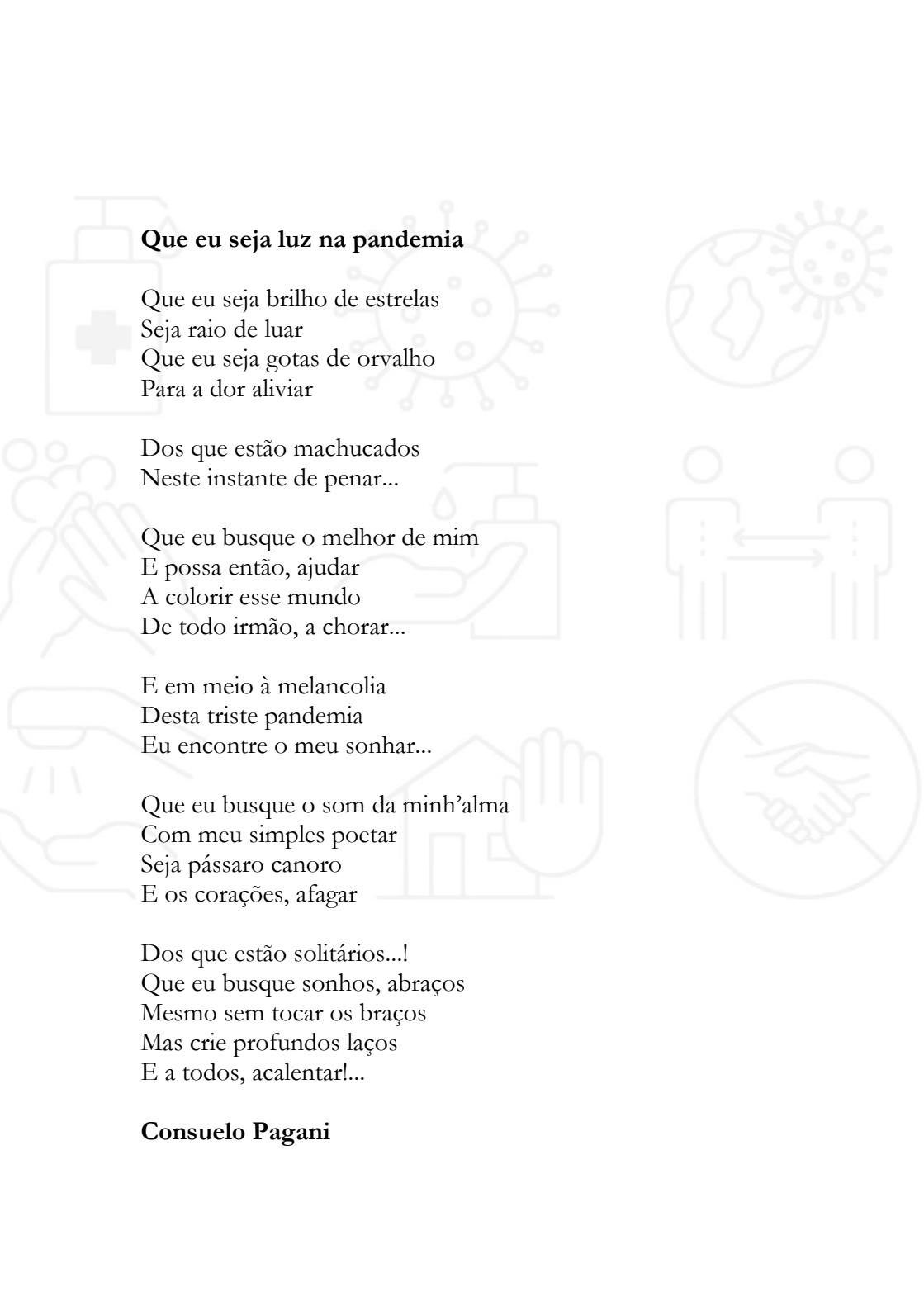
Carmen Pires



---

Carmen lúcia de oliveira pires, sou natural de salvador, estado da Bahia atualmente estou concluindo o curso de mestrado em psicanálise e saúde mental, sou pós graduada em psicopedagogia clínica, institucional e hospitalar, pós-graduação: neuropsicologia, psicanalista clínica e psicanalista didata, pós-graduada metodologia do ensino do desenho, graduação: licenciatura em desenho e plástica – UFBA, membro da academia de letras e artes de Feira de Santana, membro da academia de cultura da Bahia ,membro efetivo da academia internacional de letras artes e ciências da argentina com sede em buenos aires, membro efetivo da academia superior di crescita personale italia, sou arte-terapeuta escritora e poetisa.

---



## Que eu seja luz na pandemia

Que eu seja brilho de estrelas  
Seja raio de luar  
Que eu seja gotas de orvalho  
Para a dor aliviar

Dos que estão machucados  
Neste instante de penar...

Que eu busque o melhor de mim  
E possa então, ajudar  
A colorir esse mundo  
De todo irmão, a chorar...

E em meio à melancolia  
Desta triste pandemia  
Eu encontre o meu sonhar...

Que eu busque o som da minh'alma  
Com meu simples poetar  
Seja pássaro canoro  
E os corações, afagar

Dos que estão solitários...!  
Que eu busque sonhos, abraços  
Mesmo sem tocar os braços  
Mas crie profundos laços  
E a todos, acalantar!...

**Consuelo Pagani**



**Só depende de mim**

**Só depende de mim...**

Que desabrochem as rosas

E eu semeie a Poesia

Onde há pranto e dor sem fim...!

Que eu possa ser alento

Para quem, em desalento

Perdeu um ente querido...

E espalhe flores, perfumes,

A todo o povo sofrido!...

**Sim, só depende de mim:**

Que em meio às agruras

Eu possa levar esperança

A todas as criaturas...

E na noite, ora, escura

Respingue luz, alegria

Levando paz e ternura

Por meio da Poesia

Aos corações padecidos...

**Gostaria de estancar**

**Está triste pandemia**

**Mas sou pequena, impotente!**

O que posso é tão-somente

C'esta simples poesia

Levar à doída gente




Meu amor, como semente...!

**Consuelo Pagani**



Consuelo Pagani é natural de Corinto/MG, filha de pai poeta e filósofo e de mãe farmacêutica e também escritora; faz poesia desde a tenra idade. Ganhou o título de Mini – Escritora 1970, com apenas 10 anos de idade. Participou da 3ª Coletânea de Poetas Capixabas, foi premiada no 1º Concurso Literário da Asttter e publicou o livro infanto – juvenil A VIAGEM DA GOTINHA, selecionada pela Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo – Lei Rubem Braga. É graduada em Artes Plásticas-UFMG e pós graduada em Arteterapia-UFES.



## Quando eu partir

Quando eu partir  
Não se lamente  
Pelo o que deixou de me revelar.

Quando eu partir  
Não se arrependa  
Das visitas que não me fez.

Quando eu partir  
Não chores  
Por saber que eu sofria.

Quando eu partir  
Não tentes forçar simpatia  
Que nunca existiu.

Quando eu partir  
Ciclos selaram  
A razão do meu existir.

Quando eu partir  
Aquele prometido café  
Já esfriou.

Não ouça o eco  
De minhas súplicas  
Ignoradas...

Quando eu partir  
Não force aquela lágrima  
Tão desejada

Quando eu partir  
Não sejas tolo de chorar...  
Sorria!  
Teu amor vou levar...

Fátima Cordeiro

### **Lutando pela mesma vida**

Mais do que lavar as mãos  
É preciso lavar o coração  
Mais do que usar máscaras  
É preciso mostrar as faces  
Dos que sofrem com falta do pão  
Mais do que não aglomerar  
É alavancar o espírito da paz  
Na multidão  
A natureza vai além  
Do Ego inflado dos egoístas  
Dos sadomasoquistas  
Dos ambiciosos capitalistas  
Que desdenham os ecologistas.  
À todos, o mesmo nível  
Da ignorância  
Da indiferença  
Da sobrevivência  
Lutando pela mesma vida  
Rastejando pela mesma comida  
Sufocados pela mesma sede  
Morrendo como animais  
Sem tempo nem lenço  
Para velar os seus mortos  
Que partiram nessa agonia  
De não vê-lo s nunca mais...

Fátima Cordeiro



Maria de Fátima Mendes Cordeiro é natural de Rio Branco AC. Possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre. Pós graduada em Pedagogia Social e Elaboração de Projetos. Recebeu Honra ao Mérito Amiga da Cultura pela Academia Juvenil Acreana de Letras(2015). Livros Publicados: Sementes de Mostarda (2016); A Louca do Orfanato(2019). A Menina Fez Carinho na Lua (2020). Tem participação nas Antologias: Poetas no Divã; as faces da Morte; Além das Palavras; Síndromes Contos Psicológicos; Versos Inversos; 2ª Miscelânea Poética Brasileira vol.2; Poesia Agora Inverno; Revista Literária digital Versos Inversos; Contos de empoderamento/Elas eram Princesas; Arautos da Literatura Brasileira; é membro da Sociedade Literária Acreana–SLA e Academia Acreana de Letras-AAL.

---

## Corpo pandêmico

Ao ler e ouvir a expressão “corpo pandêmico”

Não pude deixar de refletir

O que consta no interior dessas potentes palavras

Corpo; pessoa; nós, vós, ele, ela, tu, eu.

E cada qual segue vivendo sua vida,

Se reinventando, criando, buscando, rabiscando,

Traçando, desenhando, pintando, escrevendo,

Bordando.

Cada qual se transformando

Se interligando com outro, com outros,

Com os seus, com os meus.

E nessa grande conexão digital

Segue-se tentando deixá-la mais real...

Já que para além da tela

Existe um corpo que habita

Alguém que nele mora.

Juliana Pedroso Bruns



## Sossego

Sinto uma tristeza sossegada,  
É saudade de tudo não vivido  
Desde que o vírus se entranhou em nosso país.  
De repente, reorganizamos nossas agendas  
Cancelamos compromissos,  
Nos reinventamos como nunca  
Diversificamos os encontros.  
Eles passaram a colorir as telas dos eletrônicos  
Celulares, notebooks, tablets, computadores  
Chamada de voz. Chamada com câmera.  
Quando as abrem: ah, que alegria!  
Tudo isso para nos sentirmos mais próximos  
Mais afetados pelo afeto, mais humanos, talvez.  
Mas por ora, permitam que eu seja mais clara...  
Quando lhes escrevo que minha  
Tristeza é sossegada, é porque para a grande maioria  
Tudo isso que falei é utopia  
Não possuem o mínimo para sobreviver  
Quem dirá uma tela para aquecer...  
Por certo, nós que a possuímos  
Deveríamos orar mais, agradecer.

Juliana Pedroso Bruns



Juliana Pedroso Bruns: Apaixonada por poesia e literatura desde criança. Escreve desde os sete anos de idade e, decidiu que era o momento de deixar seus “poemas voarem”, feito passarinhos. É escritora, contadora de histórias, pesquisadora e Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Regional de Blumenau - (PPGE-FURB). Bolsista do Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES). Especialista em Educação pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE - (2018) e, licenciada em Pedagogia pela mesma instituição - (2016).





## Escolhas

A vida depende de escolhas:  
Não nego o direito de ir e vir,  
Caminhando, minha trajetória,  
Pode ter a cor que eu quiser:  
Depende tão somente de mim!  
Em tempos de livres jornadas,  
A busca pelo prazer, o curtir,  
Que me leva, fascina, embala,  
Sinônimo de festa: chão florido,  
Mudar os passos, depende de mim!  
O viver, na dubiez da caminhada,  
Traz açoite, atropelo e... vírus,  
Que chega, mete medo, entontece,  
Quebra certezas, muda, silencia:  
Ir? Vir? Sair? Mascarar meu rosto?  
Não titubeio, elejo a vida! Cuidar,  
E cuidar-me no ritual de passagem,  
Exercício da alteridade: sim ao viver!  
Aqui, ali: um brinde ao ar! Vai passar:  
O dia D depende do hoje e de mim!  
Desejo em breve, o Sol da alegria,  
Levar para a rua meu riso rasgado,  
E rir ao “novo normal” sair por aí,  
Explodir, gritar de braços abertos,  
A vida que segue, depende de mim!

Elísio Vieira de Faria



## Dependência

Vida, meu desejo amado,  
Sem convite, nem licença,  
Um terrível invasor coroadado,  
Covid-19 em espanto febril,  
Alastrou-se, espalhou horror,  
Surrupiou o ar que havia!  
Certezas destruídas, pavor,  
Com ardor, pariu a pandemia,  
Rasgou esperanças, fez mortes.  
Na atmosfera, apenas o pranto,  
Em cada canto, o assombro.  
Passo regrado, caminho restrito,  
Portas fechadas, taciturnidade!  
Aos desejos de ir por aí  
Decretara-se: perigo no ar!  
Viver era escolha pessoal.  
Tempos difíceis, bem sei,  
Sofri, pranteei e lastimeei,  
Total escuridão espantosa,  
O algoz do riso não venceu:  
Mesmo encarcerado, acreditei.  
No embate de vida e morte,  
Sou peça no jogo de xadrez,  
Não a nego! Opto pela primeira,  
E apregoo: - Vida dependo de ti!  
Estar em ti, depende de mim!

Elísio Vieira de Faria.



Elísio Vieira de Faria, 68 anos, paulista de São José do Rio Preto, SP, é professor aposentado, apreciador das letras, das palavras, suas linhas e suas entrelinhas, tem o gosto pela Literatura em geral. É autor de poesias e contos selecionados em coletâneas, além de ter duas obras publicadas em livro. Vivendo o tempo da melhor idade, também é atleta e pratica o ciclismo, a corrida de rua e o voleibol adaptado à terceira idade.



## Sra. Pandemia

Que vens não sei de onde?  
Abraça as multidões  
Ataca os pulmões  
Não se esconde

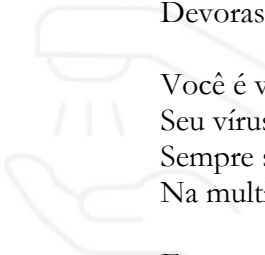
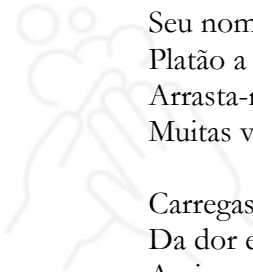
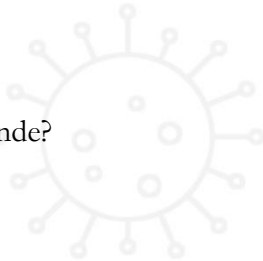
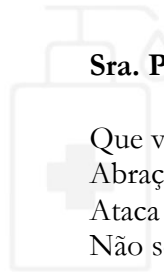
Seu nome é grego  
Platão a batizou  
Arrasta-nos ao desespero  
Muitas vidas você ceifou

Carregas a coroa  
Da dor e do luto  
A ninguém você perdoa  
Devoras prematuro o fruto

Você é vaidosa  
Seu vírus sua fome  
Sempre se renova  
Na multidão que consomes

Eu sou o humano  
Você é meu medo  
Luto quase insano  
Sua força acabando

Crio anticorpos de montão  
Minha vitória é certa  
Sem contaminação  
Minha vida é uma festa.



Sumica Miyashiro Iwamoto

## **Pandemia do Novo Coronavírus**

As novidades arrombam portas extravasam emoções e medos, descobrimos que a vida e a morte estão divididas por uma linha tênue que nos faz pensar nas prioridades, nas diferenças e no que realmente somos e fazemos em nossa existência no planeta.

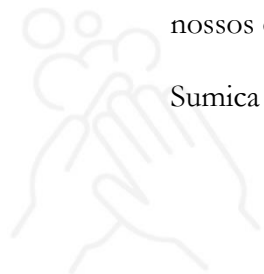
O Novo Coronavírus chegou sem avisar foi entrando sem pedir licença, e sem piedade ceifou idosos, homens, mulheres, jovens e crianças, independente de etnia, clero ou nacionalidade. Com essa nova visita fomos obrigados a adiar nossos passeios diários, nossas viagens, e nossas ilusões, fomos pegos de surpresa pensávamos que a desgraça sempre seria alheia e bem longe de nós e então retornamos a nossa casa, mansão, apartamento ou barraco e olhamos para o lar antes esquecido pela vaidade ignorado pela ganância desprezado em busca de uma vida abundante e prazerosa individual e financeiramente. Encontramos filhos perdidos pelos cantos viajando em mundos virtuais, maridos carentes e famintos e mulheres sensíveis tristes e sobrecarregadas, empregadas mal pagas, cachorros na corrente, gatos na rua, fotografias amareladas o caos instalado.

Tivemos que reaprender a ser família, a ser mãe, pai, avós e tios a curta e longa distância e percebemos que temos excessos de comidas, roupas, calçados e tantas outras coisas desnecessárias. Então como mágica o lar acordou, sentimos o cheiro da comida vinda do fogão enferrujado, a macies dos lençóis secos ao sol, a mãe presente nas brigas e necessidades dos pequenos, as conversas prolongadas ao telefone com os parentes, o afeto ao amigo doente, a poda no jardim, o banho do cachorro, o lar reviveu com os sorrisos ingênuos das crianças e a tagarelice dos adultos, a mesa do café e das refeições o silêncio do dia, as estrelas da noite com esse despertar as pessoas olharam ao redor e viram flores, pássaros,

abelhas e até formigas, a chuva, o arco-íris a semente brotando um novo tempo uma nova vida.

Mas veio também a ansiedade, o pânico a incerteza, a cada dia vai-se um parente um amigo e então aumentam-se as profilaxias na vida doméstica e social. A dor vem mesclada de insegurança, desesperança e só nos resta elevarmos a mente ao criador agradecendo ao planeta generoso com sua fonte de vida e morte reeducando a humanidade para a compaixão e esperança e que nosso indesejado hóspede o Novo Coronavírus não destrua nossos corações sobreviventes...

Sumica Miyashiro Iwamoto





Sumica Miyashiro Iwamoto: Neta de imigrantes japoneses, criada no interior de São Paulo, apaixonada pelo Pará, onde vive há 20 anos. É artista plástica, ilustradora e escritora. Obras: Antologia Escritor Marcelo de O. Souza “As cores do meu céu”. Livro “Piquenique” Ilustração Infantil (Editora Cândido). Pará Expojóia “Amazônia Design e Riqueza Viva” II & III. Catálogo da Coleção “Carajás Joias do Pará Amazônia Brasil” – Polo Joalheiro São José Liberto, Belém-PA. Anuário Brasileiro de Artes Plásticas volumes II e IV.

---

## Chuvas de Pandemia – Primeiro Tempo

O que trouxe a pandemia do corona vírus para mim?

Trouxe chuvas de coisas ruins e...

- Pasmem! – de coisas boas!

No primeiro tempo, as ruins.

A pandemia trouxe muito espanto,

Muita chateação, muita decepção,

Muita frustração etc. etc. etc.

Ficar confinado por conta do *lockdown*,

Não ter onde comprar o que não é essencial,

Mas igualmente necessário,

Trouxe um gosto amargo de finitude desarmada.

Não visitar amigos

Para compartilhar alegrias ou dores,

Não permitir aproximações físicas,

Pois o inimigo invisível anda à espreita,

E tantas outras chateações

Vão ficar na lembrança

Com o mesmo amargor de finitude desarmada,

Mesmo quando tudo passar.

E vai passar.

Todos esperam por isto.

Neuza de Brito Carneiro

## Chuvas de Pandemia – Segundo Tempo

A pandemia me afastou dos templos,  
Porém me aproximou muito mais de Deus.

Nunca passei tanto tempo rogando  
Pela Sua misericórdia,  
Agradecendo por cada dia vencido.

E nunca O glorifiquei tanto  
Ao ver vencedores da Covid  
Voltarem para casa  
Emocionados e agradecidos.

O isolamento fez despertar  
Dons e talentos adormecidos  
Motivados pelo lufa-lufa do cotidiano,  
Chamando-nos à vida.

Pude então confirmar o que dizem:  
Nem todo mal é de todo mal,  
Nem todo bem permanece.

Tudo muda, tudo passa,  
Tal como a própria chuva.

E ela vai passar.  
Todos esperam por isto.

Neuza de Brito Carneiro





Neuza de Brito Carneiro, septuagenária, feirense, escreve contos e poesias desde tenra idade, porém, somente ao aposentar-se como professora, começou a divulgar suas obras. Tem seis livros solo publicados e participa de inúmeras antologias, tanto regionais, nacionais e internacionais. Por gostar muito de ler e estudar, possui três cursos superiores, pós-graduação e mestrado, além de vários cursos menores, alguns ligados às artes. Pretender dar continuidade num possível doutorado. Está em fase de aprontamento de mais dois livros para publicar no próximo ano.

---

## Sou Professora, eu não posso desistir

Volta para casa  
Fecha a escola  
Leva os livros e os cadernos para corrigir  
Reinventar a aula  
Veste-se de resiliência:  
-Eu não posso desistir

Tarefas enviadas,  
Satisfação escondida atrás da máscara  
Entre uma correção e outra  
Ela vibra: - Eu consegui!  
Banho forte, remédio para febre  
Chá quente, não importa se o exame deu positivo:  
- Eu não posso desistir

Professora está aí?  
Já lhe falta o ar  
Muitas dores pelo corpo, mas está satisfeita e responde:  
- Sim.  
Tirou dúvidas,  
Corrigiu as tarefas,  
Escutou o lamento dos pais  
- Eu não posso desistir

Mais uma vez sente a falta de ar  
Seu coração entristecido sabia do adeus  
Chamada de vídeo, eles não sabem que é a última  
Ela olha com carinho para cada rostinho  
E ao ver todos sorrindo, despediu-se orgulhosa:  
-Eu consegui.



## Mulher Esperança

Acordei com mais um medo  
Dessa vez não era violência física ou moral  
Não era o medo de ir e vir  
Era o medo que não me deixava respirar

Ele estava dentro de mim  
Foram dias longe dos que amava

Ao som estarrecedor da morte

Mas sempre escutava os sussurros que diziam ao meu corpo:

-Lembra-te do canto dos pássaros

-Lembra-te do cheiro da mata

-Lembra-te da beleza do teu encontrar com o rio

-Lute!

Ele ainda está dentro de mim

Deixava-me imóvel

Ao som de máquinas

Eu lutava pela vida, eu sabia mesmo entorpecida,

Alguém tinha esperança.

Aguerrida, descendente das Amazonas, acordei.

-Está curada! Dizia o anjo moreno toda de branco.

Levantou-me lentamente

E pude ver o belo dia de sol

Aquela mulher esperança

Tratava-me através da ciência,

Mas tocava minha alma adormecida

Ao sussurrar sobre minha terra querida

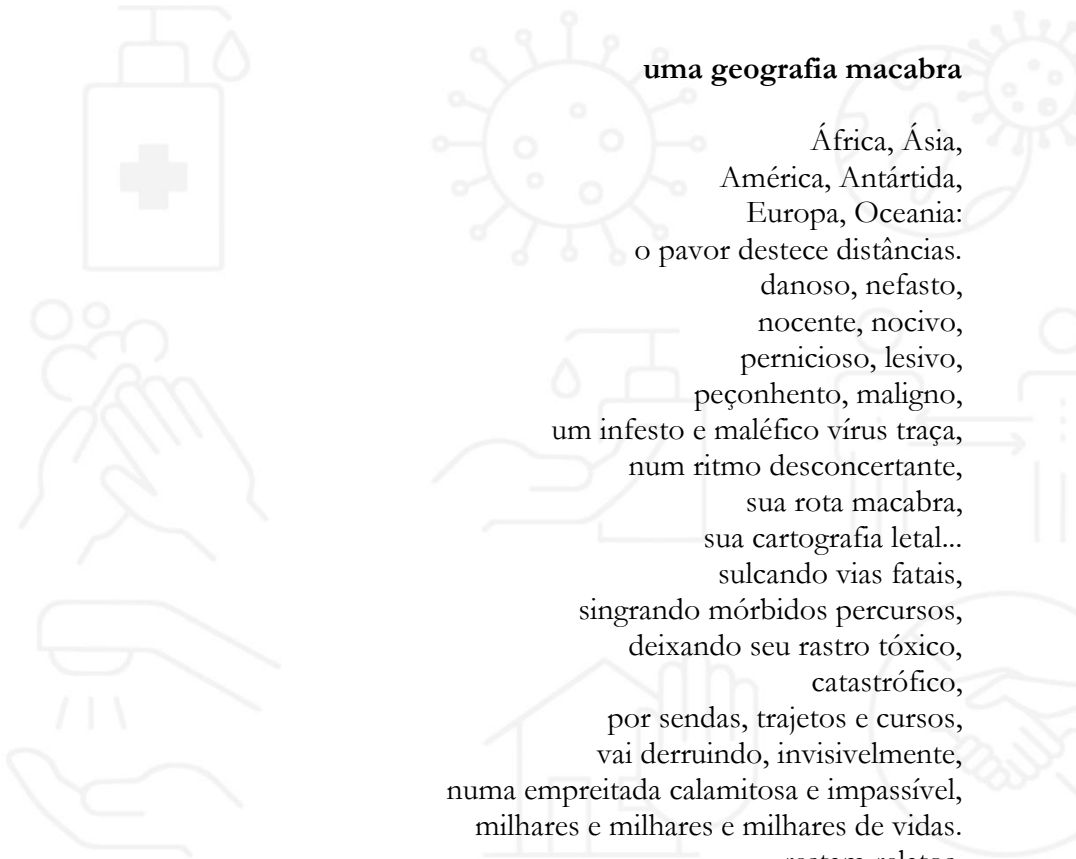
Enchia-me de esperança.

Maria Izaíra da Silva Gil



Sou a mãe da Maria Izadora, amante das belas artes e da poesia. Sou professora, pedagoga e administradora pública. Atuo na SEMED - AM, e também, como professora tutora em uma Instituição de Ensino Superior. Sou mestranda em Ensino Tecnológico pelo IFAM, Pós-graduada em Ensino, Gestão de Projetos, Coordenação Pedagógica, Gestão e Tutoria. Com áreas de interesse em formação de professores, histórias de vida, mulher, identidade docente, coordenação pedagógica e políticas educacionais. Endereço: [m.izairagil@gmail.com](mailto:m.izairagil@gmail.com) - site <https://sites.google.com/view/mariaizairagil>. [facebook.com/IzairaGil](https://facebook.com/IzairaGil) e [instagram.com/izairagil](https://instagram.com/izairagil)

---



## uma geografia macabra

África, Ásia,  
América, Antártida,  
Europa, Oceania:  
o pavor destece distâncias.  
danoso, nefasto,  
nocente, nocivo,  
pernicioso, lesivo,  
peçonhento, maligno,  
um infesto e maléfico vírus traça,  
num ritmo desconcertante,  
sua rota macabra,  
sua cartografia letal..  
sulcando vias fatais,  
singrando mórbidos percursos,  
deixando seu rastro tóxico,  
catastrófico,  
por sendas, trajetos e cursos,  
vai derruindo, invisivelmente,  
numa empreitada calamitosa e impassível,  
milhares e milhares e milhares de vidas.  
restam relatos,  
memórias, saudades  
– o abraço e o beijo não dados.  
arauto da dor:  
um vazio no peito,  
um peso nos ombros  
diante da impotência humana,  
e de uma cura que  
tarda, tarda, tarda

e tarda e não vem.

Fernando Luís de Morais

### caixa de Pandora

vida,  
labirinto construído por Dédalo,  
caixa de Pandora aberta,  
inadvertidamente,  
para nunca mais se fechar.  
liberados os males do mundo,  
enclausuramo-nos  
em habitações que passam a nos conter,  
a nos manter cativos,  
reclusos,  
confinados.  
o revés nos força a ser mil outros,  
e outros mil, e outros tantos,  
esfinges de enigmas indecifráveis,  
segredos interditos:  
fragilidades,  
angústias,  
hesitações,  
dúvidas ou dádivas?  
a melancolia recobra frescores mórbidos,  
conformações excruciantes,  
lancinantemente letais.  
somos um emaranhado mitológico:  
Narcisos sem espelho d'água para nos contemplarmos,  
Ícaros sem asas, desvalidos,  
e tal qual Prometeu acorrentando no monte Cáucaso,  
a cada dia, o fígado por um abutre comido.

Fernando Luís de Morais



Fernando Luís de Moraes é poeta, tradutor, professor e pesquisador. É especialista em Estudos Avançados de Língua Inglesa e mestre em Teoria e Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP de São José do Rio Preto. Atualmente, é doutorando do referido programa, no qual desenvolve a pesquisa “Literatura (d)e resistência: o grito aguerrido de escritores **quare**”, cujo objetivo é resgatar a voz silenciada de autores negros-gay. Atua também como um dos professores da disciplina “Literatura, Gênero e Raça”, oferecida na UNESP de São José do Rio Preto, e compõe o quadro de membros do Grupo de Pesquisa Gênero e Raça do mesmo instituto.



## Vencendo o Desconhecido Covid 19

O tempo parou e o desconhecido surpreendeu o mundo,  
Se apresentou como Covid 19, causando dor e sofrimento..  
A humanidade inerte e perplexa e decidiu lutar pela vida.  
E seguiu em frente e apesar da dor, venceu o desconhecido  
E superou limites e com o coração ferido, seguiu seu curso.  
E mesmo com a alma devastada pelas perdas, foi fiel a si  
E bravamente sorriu pra vida, na certeza que essa fase iria  
passar, que a tempestade faz seu barulho e vai embora.  
As dores da alma foram superadas e o desconhecido Covid 19,  
deixou seu rastro por onde passou, fragmentou famílias e  
dilacerou vidas, mas a humanidade se fez forte, lutou bravamente  
E diante do desconhecido adormeceu tranquila na esperança  
E certeza, que talvez no próximo amanhecer, tudo seria diferente  
E que o pesadelo teria passado. É tempo de amar e cuidar da vida  
vencer o Covid que assombrou o mundo e sorrir pra vida.

Gertrudes Tolfo





## Tempos de Pandemia

Em tempos de isolamento estamos estagnados e reclusos  
O mundo lá fora se tornou distante e sem vida  
A humanidade está à mercê de uma pandemia,  
de uma doença conhecida por Covid 19.

O abraço! ah o abraço, hoje é virtual e as emoções estão à flor da  
pele,

Os sentimentos não mudaram, ao contrário se fortaleceram.

A humanidade parou no tempo e a vida seguiu seu curso,

E em tempos de pandemia, vale uma reflexão sobre a vida

E sobre os sentimentos que nos unem às pessoas que amamos.

É hora de se comemorar o amor e agradecer pela oportunidade da  
vida.

É hora de olharmos para dentro de nós e acreditar que apesar  
dos

tropeços e dos percalços da vida, estamos em pé, estamos vivos  
e precisamos celebrar os laços e abraçar nossas emoções.

Abraçar o respeito ao outro, abraçar uma palavra amiga

dar valor às pequenas coisas que fazem parte do nosso dia a dia.

É tempo de esquecer o medo e substituí-lo pelo sentimento do  
amor

Por meio do acolhimento e do olhar de proteção.

Em tempos de pandemia vamos juntos superar o desconhecido

E abraçar a vida em prol de um amanhã acolhedor,


vencendo essa doença chamada Covid19.

Gertrudes Tolfo



Poeta Gertrudes Tolfo, Graduada em Pedagogia pela UNINOVE - Universidade Nove de Julho/SP, Pós graduada em Psicopedagogia Clínica e Educacional, Pós Graduada Em Educação Especial Área de Deficiência Intelectual e Visual, também pela Universidade Nove de Julho-SP. Pós Graduada em Gestão Escolar e Arte e Educação pela Instituição faculdades Campos Elíseos/FCE/polo Maringá – PR. Atualmente professora concursada pelo Município de Maringá, Estado do Paraná e cursando o 4º Semestre de Psicologia pela Unifamma – Centro Universitário Unifamma – Maringá – PR. Tendo 5 poemas publicados pela Editora Vivara e Editora Trevo.

---



## Sonhos pós pandemia

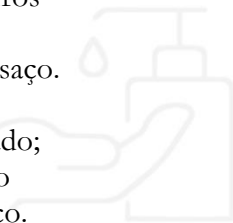
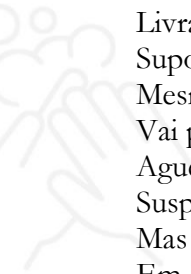
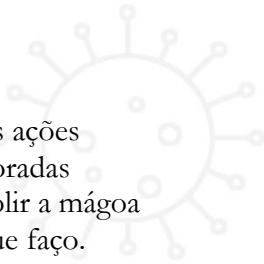
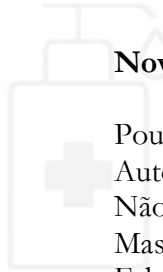
Primeiro descalçar os pés  
Sentir o piso frio  
Eliminar quadros das paredes  
Contemplar suas marcas  
Esvaziar armários  
Desmontar o sofá  
Deixar portas abertas como bocas desdentadas  
Liberar os livros fazê-los voar  
A escada inútil nem subir nem descer  
Tirar as roupas e deixá-las no varal  
Quebrar vidros ao apagar as luzes  
Cortar amarras laços ou fitas  
Enfim livre, para morrer ou viver.

Angela Maria Gomes

## **Nova vida velha**

Pouco verbo, muitas ações  
Automáticas ou ignoradas  
Não tem como engolir a mágoa  
Mas isso é tudo o que faço.  
Fabricar nova rotina  
Livra-me dos velhos erros  
Suportar é necessário  
Mesmo que dê um cansaço.  
Vai passar; dizem  
Aguenta mais um bocado;  
Suspiro e me conformo  
Mas preciso dum abraço.  
Em casa, com medo  
Sozinho e assustado  
Recorro ao virtual  
Não posso perder meus laços.

Angela Maria Gomes





Angela Maria Madono Gomes: Literária Inspiraturas, Pelotas, RS, em 2015, sendo aluna fundadora, participa da primeira publicação de uma antologia dessa Oficina. Expõe o “Livro da Natureza” (Projeto Livro Aberto), publicamente, em evento da APCEFRS/2019 e na Feira do Livro da FURG/2020. Assina seus textos e poemas como Angela Maria Gomes.

---

## Solidários

Respiramos ares sufocados  
ao compartilhar notícias que inquietam,  
e angústias que dominam.

Diante desse múltiplo universo  
de seres múltiplos e múltiplas vertentes,  
que sobre outros seres sobrevoam,  
agonizantes em chagas.

Vírus pandêmico.

Inda mais letal, vírus social.

Que o egocentrismo e consumismo  
nos impõe a cada instante.

São muitas coroas de espinho.

Em risos humilhantes,  
cinismo, ódio e indiferença,  
sempre dominantes.

Estribilho do mundo, descrença.

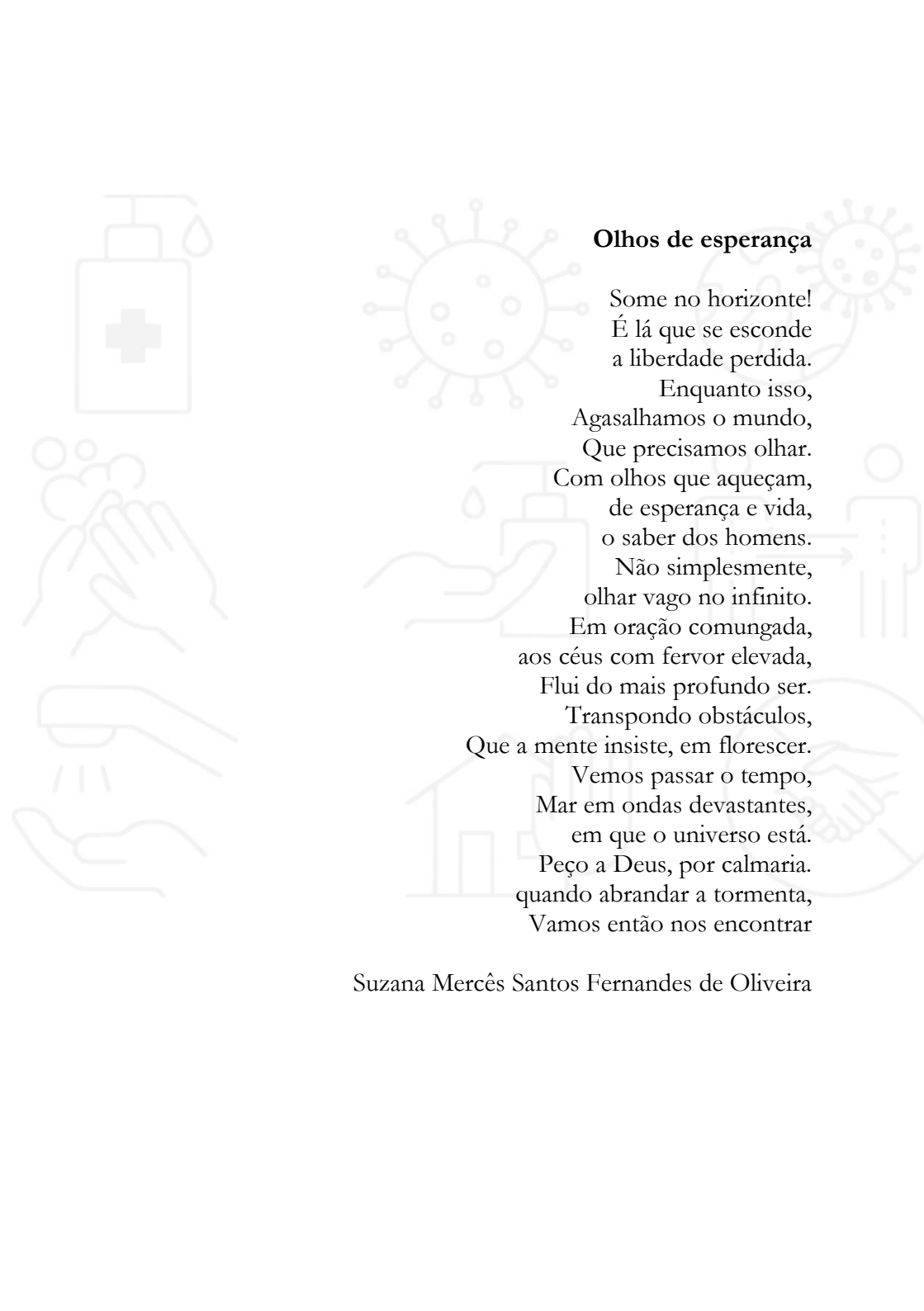
Estamos na encruzilhada,  
entre rasgos e cegueiras,  
pela humanidade, partilhada.

Mesmo em dores de parto,  
desfrutamos, do manjar solidário.

E na amorosidade de Deus,

Não estamos solitários  
neste mar de lágrimas.

Suzana Mercês Santos Fernandes de Oliveira



## Olhos de esperança

Some no horizonte!  
É lá que se esconde  
a liberdade perdida.

Enquanto isso,  
Agasalhamos o mundo,  
Que precisamos olhar.

Com olhos que aqueçam,  
de esperança e vida,  
o saber dos homens.

Não simplesmente,  
olhar vago no infinito.

Em oração comungada,  
aos céus com fervor elevada,  
Flui do mais profundo ser.

Transpondo obstáculos,  
Que a mente insiste, em florescer.

Vemos passar o tempo,  
Mar em ondas devastantes,  
em que o universo está.

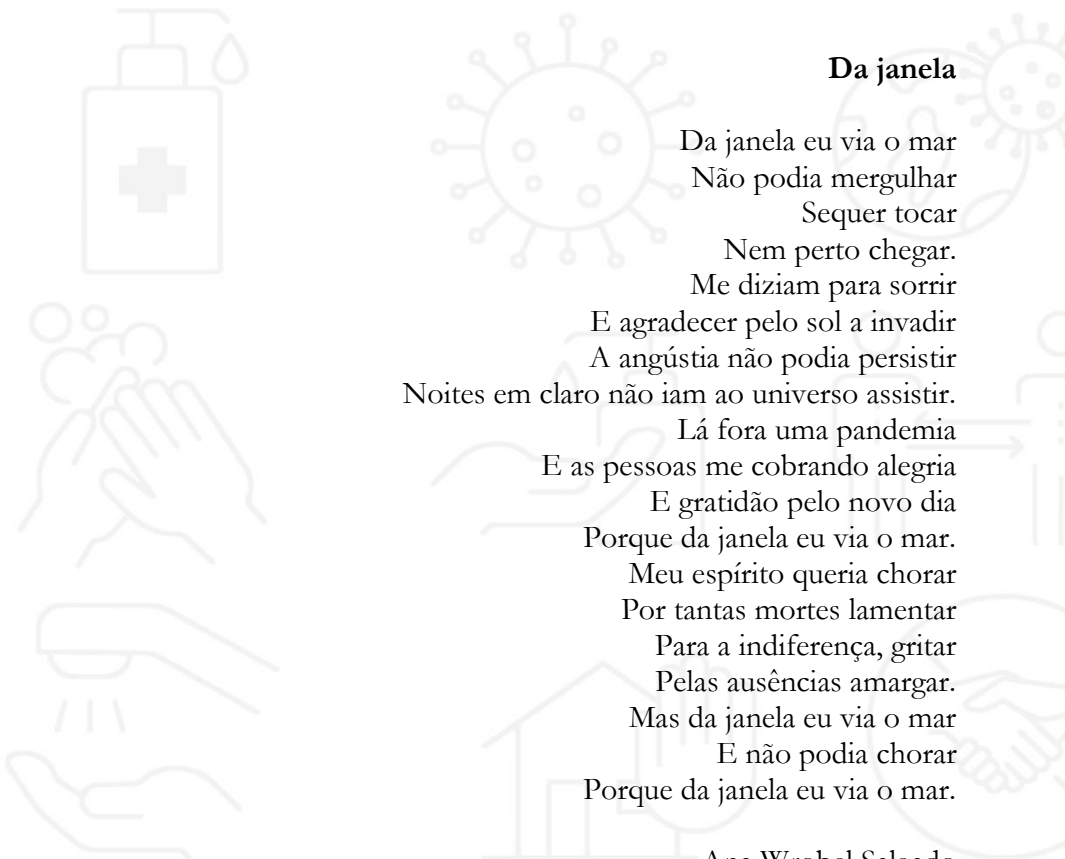
Peço a Deus, por calma,  
quando abrandar a tormenta,  
Vamos então nos encontrar

Suzana Mercês Santos Fernandes de Oliveira



Suzana Mercês Santos Fernandes de Oliveira, nascida 27 de julho em Salvador/Bahia. Filha de Carlos e Berenice Mercês Santos. Casada com o Odontólogo, Juarez Fernandes, mãe de Ângela, Paloma e Daniel, e avó Ian, Thor, Téo e Vicente. Graduada em Odontologia pela UFBA/1964 e especialização em Odontopediatria. Membro da Academia Baiana de Odontologia, Fundadora da UNIODONTO de Feira de Santana, da ABO da seção Feira de Santana. Idealizadora e Coordenadora do Programa de Promoção de Saúde Bucal, Diretora Administrativa do Hospital da Mulher - F.S. Foi presidente da Escola Cooperativa de Feira de Santana, Presidente do 5º Congresso Baiano de Odontopediatria e do Rotary Clube Feira de Santana-Leste 2016/2017. Medalhas: Associação Baiana de Odontopediatria, Academia de Odontologia da Bahia, Mérito Rotário e Paul Herris. Membro da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana, patronesse: Julieta Carteado. Artigo publicado no livro Odontopediatria Brasileira, título: Odontopediatria em Feira de Santana e é autora do Livro Sabores Poéticos (a editar).





## Da janela

Da janela eu via o mar  
Não podia mergulhar  
Sequer tocar  
Nem perto chegar.  
Me diziam para sorrir  
E agradecer pelo sol a invadir  
A angústia não podia persistir  
Noites em claro não iam ao universo assistir.  
Lá fora uma pandemia  
E as pessoas me cobrando alegria  
E gratidão pelo novo dia  
Porque da janela eu via o mar.  
Meu espírito queria chorar  
Por tantas mortes lamentar  
Para a indiferença, gritar  
Pelas ausências amargar.  
Mas da janela eu via o mar  
E não podia chorar  
Porque da janela eu via o mar.

Ana Wrobel Salgado

## Quarenta

Há Quarenta dias  
Tudo mudou  
Em casa ela ficou.  
Cozinhou  
Lavou e  
Passou.  
Foi professora  
Digitadora  
Limpadora.  
Lavou roupa  
Lavou chão  
Lavou até sabão.  
Não leu  
Mas escreveu  
Chorou  
Sorriu  
Apagou  
Pontuou  
Sentiu.  
Seu desabafo  
Abraço  
Alento  
Isolamento no isolamento.  
Privilegiada  
Em casa pode ficar  
Esperar  
Rezar  
Santa ciência  
Venha nos libertar.



Ana Wrobel Salgado

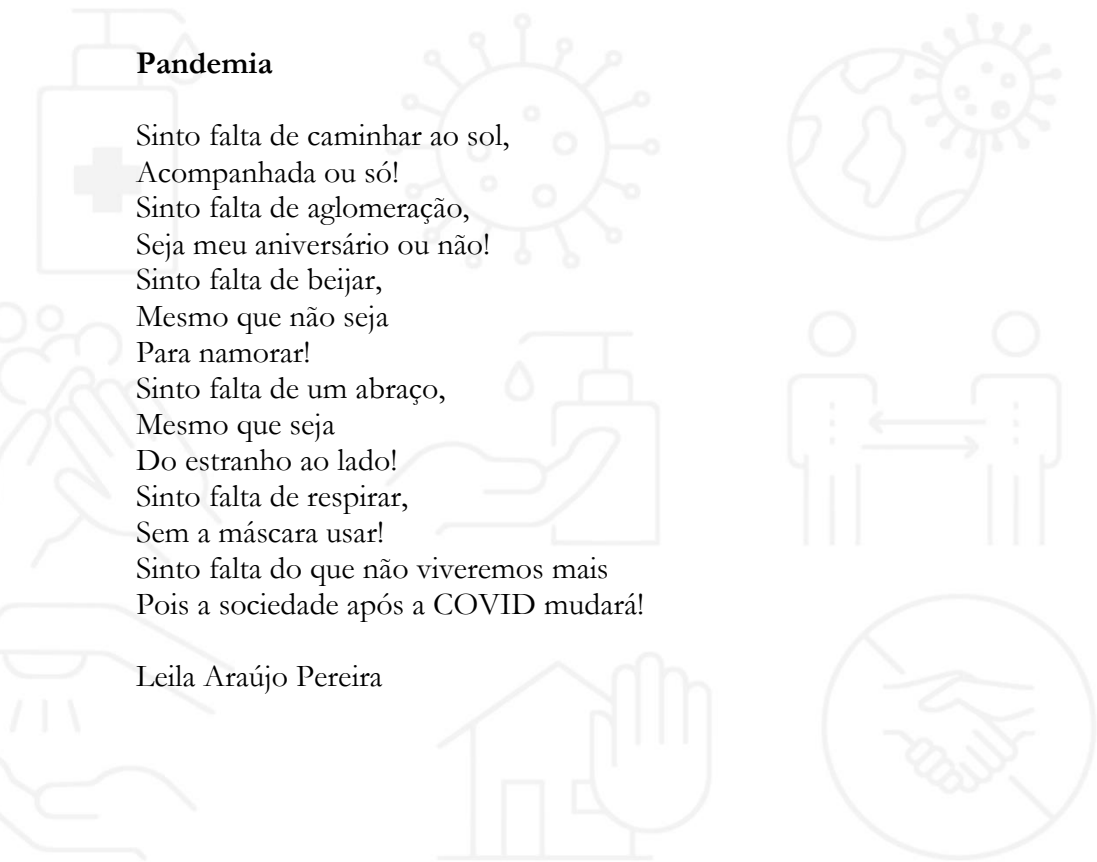


Ana Wrobel Salgado trabalhou com redação de textos por mais de dez anos, mas sob forma, estilo e padrão pré-estabelecidos por seus chefes no mundo jurídico. Em 2017, junto com o marido e a filha, agarrou a oportunidade de se afastar do trabalho por três anos. E foi lá em outro país, exercendo a função de mãe em tempo integral, que descobriu o prazer de usar as suas próprias palavras num texto totalmente seu. A escrita passou a ser seu passatempo e seu alento. Agora organiza seus devaneios, que ora nascem em prosa, ora brotam em verso, para ganharem asas em forma de livro.

## **Pandemia**

Sinto falta de caminhar ao sol,  
Acompanhada ou só!  
Sinto falta de aglomeração,  
Seja meu aniversário ou não!  
Sinto falta de beijar,  
Mesmo que não seja  
Para namorar!  
Sinto falta de um abraço,  
Mesmo que seja  
Do estranho ao lado!  
Sinto falta de respirar,  
Sem a máscara usar!  
Sinto falta do que não viveremos mais  
Pois a sociedade após a COVID mudará!

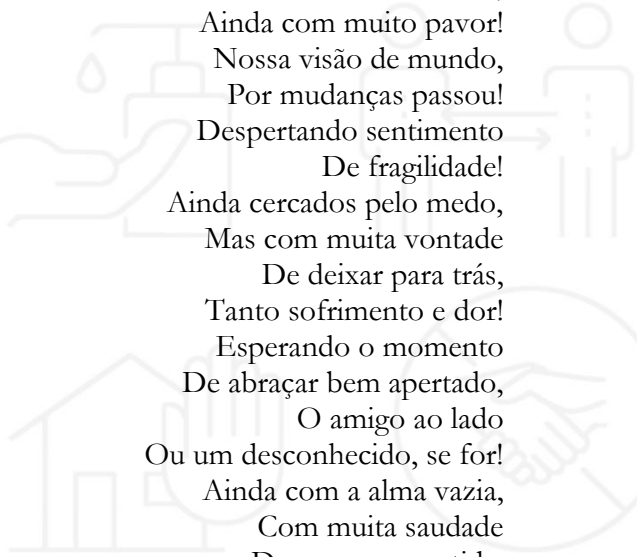
Leila Araújo Pereira





## Depois da pandemia

Sem aperto de mão,  
Sem abraço, sem beijo, sem calor!  
Com muito cuidado,  
Sempre olhando,  
Para os lados,  
Ainda com muito pavor!  
Nossa visão de mundo,  
Por mudanças passou!  
Despertando sentimento  
De fragilidade!  
Ainda cercados pelo medo,  
Mas com muita vontade  
De deixar para trás,  
Tanto sofrimento e dor!  
Esperando o momento  
De abraçar bem apertado,  
O amigo ao lado  
Ou um desconhecido, se for!  
Ainda com a alma vazia,  
Com muita saudade  
Dos que em partida,  
Um dia nos deixaram!  
Mas o desejo renovado,  
Que o novo mundo,  
Mais humano e solidário ficou!  
Estendendo a mão,  
Ao seu irmão,  
No que preciso for!  
A falta do outro,



Um novo ser nos tornou!

Leila Araújo Pereira



Leila Araújo Pereira: Nascida em 15/10/1975. Brasileira e soteropolitana. Licenciada em História, especialista em Cultura afro-brasileira e indígena. Poetisa, escritora, desenhista e Professora. Sou poetisa desde 1996, tenho algumas publicações em antologias, blogs e redes sociais. Sou amante das artes, literatura, desenhos, pinturas e música.



## De repente


De repente a saudade  
Do que antes a importância era em aspas.  
O vazio nos bares, nas praças, nas ruas...  
Dante os abraços, os beijos, os risos...  
De *live* em *live* matamos a saudade que nos devora  
A vontade do tato.  
Em redes sociais o calor virtual dos nossos pares.  
Da face descem as lágrimas  
Agora silenciosas tal a noite.  
Febre e fúria se misturam.  
Reminiscências voltam:  
Ouço os silêncios dos cinemas fechados  
Dos shows sem gritos  
Das academias estáticas.  
A parte disso fica a ausência de estar.  
Escorrem dos poros as lembranças  
Dissipam-se no ar.  
Então poeticamente  
Neste alinhamento poroso e lírico  
Nascem os versos do poeta avesso.  
Em prece  
Para que o vento afã e os versos  
Distraiam a saudade neste tempo tão comprido.

Helder Júnior



Helder Júnior: O autor nasceu em Fortaleza. Formou-se em Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará -UFC e se especializou em Ensino de língua portuguesa Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestrando em Linguística Aplicada – UECE. Escreve poemas, crônicas e contos. Teve vários textos selecionados para antologias de concursos literários, como: Arte do Terror, III Concurso Big Time Editora 2015, Antologia baseado na Estrada – 50 anos do movimento hippie (Costela Felinas), IV Festival de Haicais de Petrópolis, Prêmio Vip de Literatura 2016, Concurso Contemporânea de Literatura 2016, 1º no concurso literário do núcleo interdisciplinar em Direito e Literatura, 1º Desafio Literário Olaria das Letras, Antologia Escritor Marcelo de Oliveira – celeiro de escritores, com o poema “Silêncio”. Publicou o livro de poesia Batons, Eucaliptos e Aspirinas – Drago Editorial e de Insultos Poéticos e Outros Cactos (no prelo) – Autografia editora. Autor de “Batons, Eucaliptos e Aspirinas”, Drago Editorial e de “Insultos Poéticos e outros Cactos”, Autografia Editora.





## Confinados

Uma notícia foi dada, sob muito, alarde.  
O covid está aí, um vírus covarde.  
sem censura, sem limites, preparado para matar...  
o que fazer para não nos contaminarmos, recuar?  
Sim, a melhor arma é: confinar.  
Assim estamos, quatro, nos reinventando...  
Na convivência diária, na tolerância familiar e humanitária, no  
reaprendizado.  
Seremos fortes, humanos e solidários, juntos, lado a lado.  
Seremos, também, em muitos momentos: criança...  
Para brincarmos, aliviando tensões...  
Adultos, para nos respeitarmos, juntos, em orações.  
Somos quatro: eu, meu pai, minha esposa e meu irmão especial,  
todos no risco.  
Não é muito bom, o saber sobre isso...  
Somos humanos, é o que somos!  
Lutamos confinados, aplaudindo os que estão no frente.  
Não se descuidem, cuidem-se, o que sentir, conte.  
Mesmo confinados, identificamos os heróis e anti-heróis!  
Confinados, porém, convictos, a ciência vencerá,  
E você, COVID, será aniquilado, vai embora,  
Assim, aplaudiremos, a tão esperada hora.

J. Rafael Trindade

## **O antes que sempre será depois**

Diante tudo isso, seremos imortais  
Ou coisa e tal...  
Seremos mais sensíveis,  
Em todas as questões e diretrizes...  
Conservaremos nossas raízes...  
Entre frases ambíguas,  
Tentaremos dar sentido à vida.  
Mas de nada adiantará.  
Depois que tudo isso passar,  
Virá uma tempestade de gafanhotos?  
Comerá toda comida que restar ou,  
Não restará humanos para a comida?!  
Mas, quando tudo isso de fato passar, talvez,  
Deus, nos de o canto do último tico-tico,  
Na cerca de uma roça, um canto magistral...  
Mostrando o quanto a simplicidade importa.  
E o quanto ser nada, é muito.  
E ser muito, nem tanto assim...  
Portanto, “calce sua botina tipo o tico “.  
Esqueça seu complexo vitamínico,  
E volte ao passado, se possível for,  
Tente viver, simplesmente...  
Plante sua horta, Abra uma nova porta,  
Para se reconhecer no retrocesso.  
Não pela máquina do tempo, isso não é possível...  
Tente pela lógica...  
Pela força da sabedoria e seu pensamento...

Seja sagaz, na “roça” não se morre de covid.  
Se quiser saber os efeitos colaterais:  
Vide bula ou coloque a mão na massa.

J. Rafael Trindade



José Rafael Trindade nasceu em 03 de março de 1962 em Rio Pomba - Minas Gerais. Veio para Valença – Rio de Janeiro ainda menino, onde cresceu, de origem humilde, estudou tornando –se bacharel em Direito. Seu amor pelo conhecimento o acompanhou por toda vida. Artista plástico, poeta e artesão. Tendo sido premiado em concursos de poesias. Com alguns trabalhos publicados em Antologias. Integra o grupo de poesia valenciano: Encontro com a poesia, idealizadora Beatriz Oliveira e Rogéria R. da S. Vinagre. Seu amor pela poesia se confunde com o amor pela vida.

## **A vala comum**

O leito vazio  
Como um rio  
Na seca...

As margens sujas  
De lençóis encardidos  
Isolados, trocados  
Na lama da cama

Cadê as flores?  
A coroa do descanso  
Sem encanto  
Sem cores

Sem vida  
Sem adeus  
Por quê, Deus?  
Logo eu...

A vala esquecida  
Aos desumanizados  
Aos pobres coitados  
Da triste descida.

Jojo Campos





### **Ele se foi...**

A noite é fria  
Diferente do dia  
Cheio de alegria  
Como ele vivia

Meu amor não se vá  
Para onde velejar?  
No perigo desse mar  
Eu tento te procurar

O sossego do sossego  
Sobre a velha cama  
Foi uma curta trama  
Longe do aconchego

A tosse o levou  
Para onde o guiou?  
Quem o tirou de mim?

Com essa falta de ar  
O vírus vai se espalhar  
Eu não posso te ajudar...

Jojo Campos



JOJO CAMPOS, Estudante de Interpretação para Teatro, TV e Cinema pelo Instituto Cultural para Educação Nacional de Arte e de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. Participou de apresentações de espetáculos teatrais no Teatro Arthur Azevedo, no Teatro Alcione Nazaré, no Teatro SESC Napoleão Ewerton e no Teatro Maria Izabel Rodrigues.



## Exíguo

Chegou o tempo de escrever  
Porque o futuro é incerto.  
Um futuro, quem sabe  
Que pode ser hoje  
Ou talvez amanhã.

Chegou o tempo de escrever  
Por que a vida voa.  
Não se perde,  
Mas deixa o corpo na próxima parada.

Chegou o tempo de escrever  
Por que é tempo de sofrer.  
Quem sabe, builar o espírito que errou  
Buscando se redimir talvez!?

Chegou o tempo de escrever  
Por que é tempo de saber  
Que confundimos as aparências

De nós mesmos.  
E nem parecemos  
Com as pretensões do nosso ser.

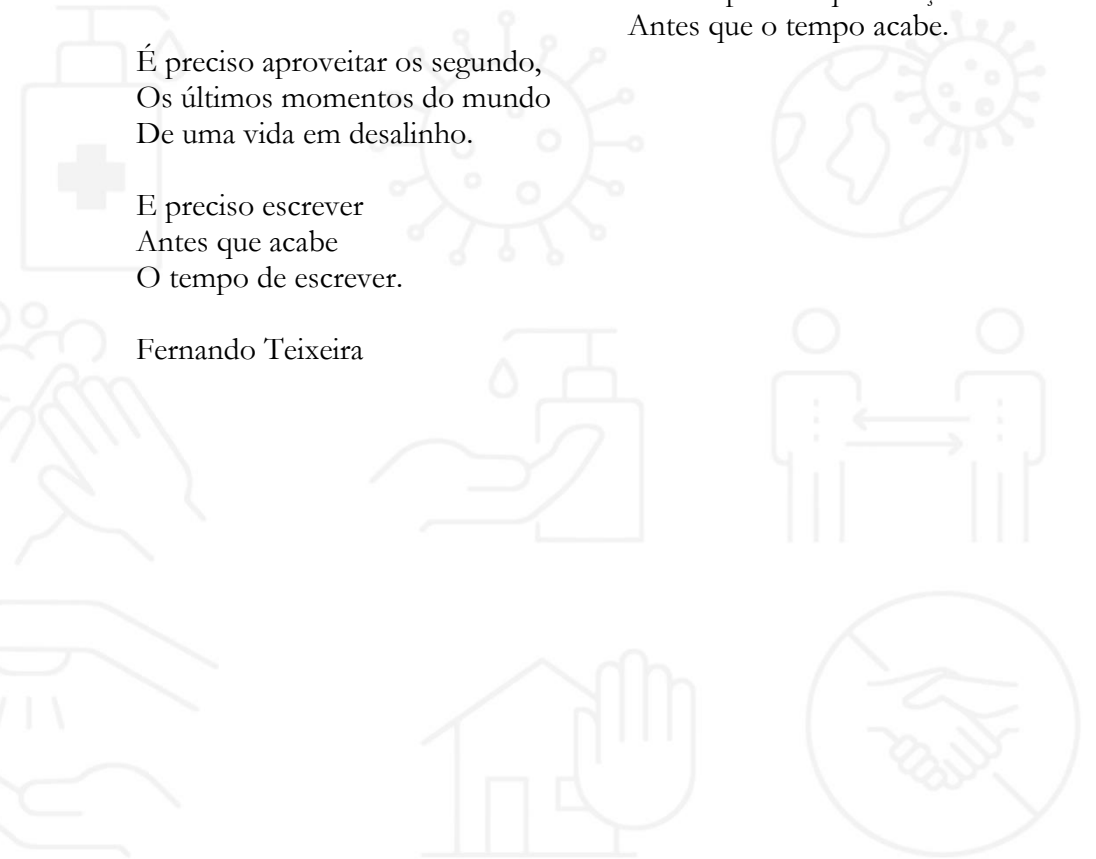
Chegou o tempo de escrever,  
Por que a dor é imensa,  
Mas é preciso senti-la.  
Por que a dor humaniza  
Um coração que se vai..

Chegou o tempo de escrever  
E é preciso que o faça  
Antes que o tempo acabe.

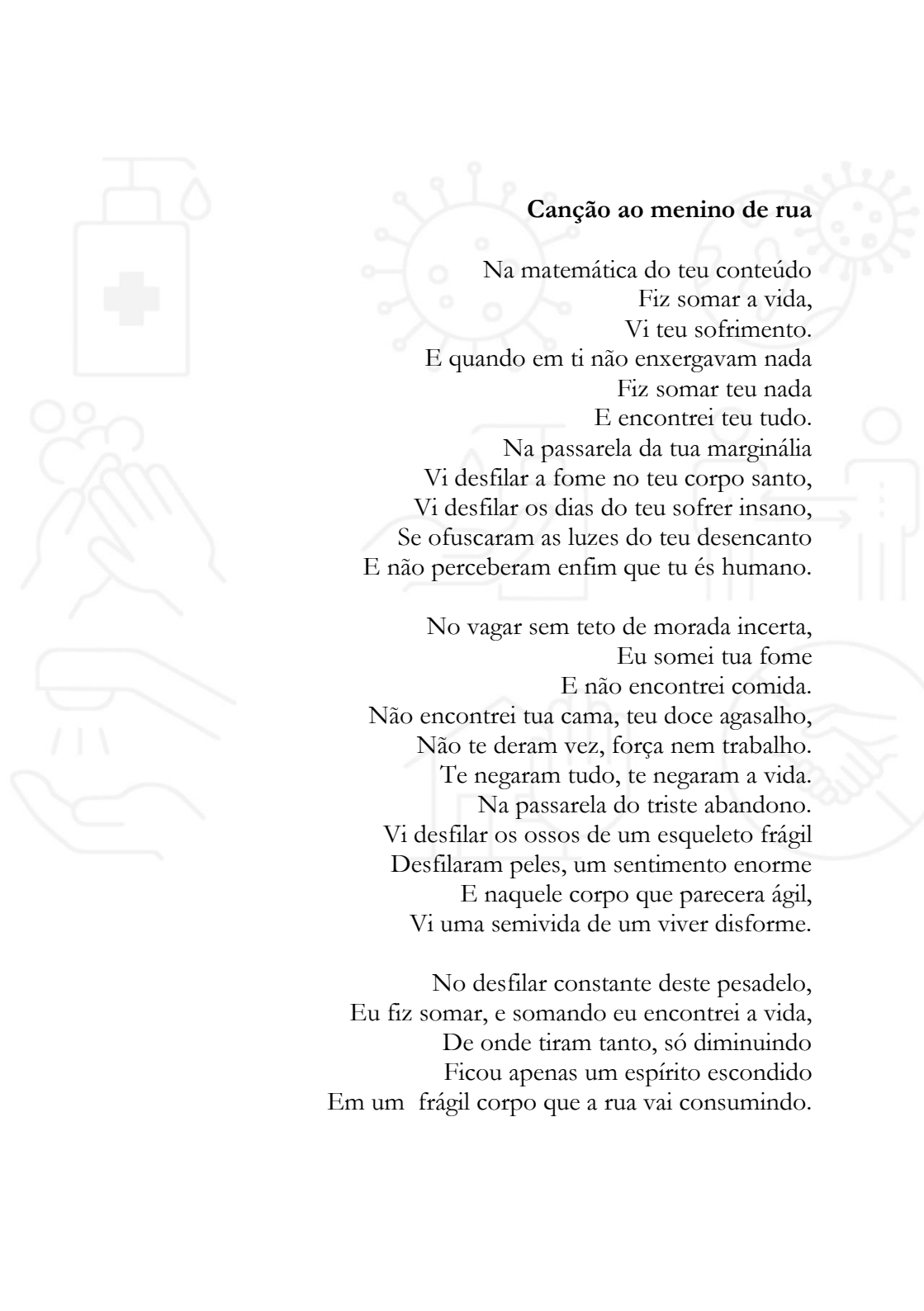
É preciso aproveitar os segundo,  
Os últimos momentos do mundo  
De uma vida em desalinho.

E preciso escrever  
Antes que acabe  
O tempo de escrever.

Fernando Teixeira







## Canção ao menino de rua

Na matemática do teu conteúdo  
Fiz somar a vida,  
Vi teu sofrimento.  
E quando em ti não enxergavam nada  
Fiz somar teu nada  
E encontrei teu tudo.

Na passarela da tua marginália  
Vi desfilar a fome no teu corpo santo,  
Vi desfilar os dias do teu sofrer insano,  
Se ofuscaram as luzes do teu desencanto  
E não perceberam enfim que tu és humano.

No vagar sem teto de morada incerta,  
Eu somei tua fome  
E não encontrei comida.  
Não encontrei tua cama, teu doce agasalho,  
Não te deram vez, força nem trabalho.  
Te negaram tudo, te negaram a vida.

Na passarela do triste abandono.  
Vi desfilar os ossos de um esqueleto frágil  
Desfilaram peles, um sentimento enorme  
E naquele corpo que parecera ágil,  
Vi uma semivida de um viver disforme.

No desfilar constante deste pesadelo,  
Eu fiz somar, e somando eu encontrei a vida,  
De onde tiram tanto, só diminuindo  
Ficou apenas um espírito escondido  
Em um frágil corpo que a rua vai consumindo.

Fernando Teixeira



Fernando Araujo Teixeira ( Fernando Teixeira ), natural de Seabra, reside em Feira de Santana . É escritor e poeta, professor, historiador e filósofo, graduado nas universidades Estadual de Feira de Santana e Federal da Bahia. É especialista em Filosofia Clássica e Programa de Enriquecimento Instrumental.. É imortal da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana; membro efetivo da Academia de Cultura da Bahia, membro efetivo da Academia Superiore di Crecita Personale - Itália e da Academia Internaciomal de Letras de Artes e de Ciências da Argentina. Publicou o livros Eterna ( poemas ) e Recheios de Papel ( crônicas, ensaio e textos-poema). Casado com a professora Theresinha pai de Leandro Lukas , funcionário da Caixa Econômica Federal, Riandro Di Évora, funcionário da OleoPan Biodísel e da doutora Fernanda Cíntia, analista agrícola nacional do IBGE.



## Covid 19

Uma epidemia que abalou o mundo...  
Só que ela veio pra nos ensinar também coisas boas.

Na vida nada acontece por caso ou à toa.  
Tudo tem uma razão de ser, uma finalidade.

O Covid nos deixou assim, intrigados...  
Por que veio do nada, inesperado, para nos ensinar,

Que nossa casa é o nosso lar,  
Na vida é o melhor lugar, é o nosso ninho...

Rico, pobre, feio, bonito, ele nos aconchega,  
Nele podemos descansar e principalmente sonhar

E que de nada devemos reclamar,  
Nem tão pouco nos deixar levar por sentimentos negativos,

Como raiva, ódio, revolta, pra que?  
Com eles nada vai mudar...

Somos seres fortes, tudo podemos superar,  
Se colocarmos 'DEUS à frente tudo passa...

Tudo se transforma e a felicidade permanecerá.

Rita Mattos

## Um sonho de pandemia

Ano 2020: o mundo parou e aqui estou...

Á minha volta pessoas assustadas,

Outras apavoradas.

Meus filhos a dizer:

- Minha mãe não saia de casa.

É perigoso, a senhora é do grupo de risco...

- Nossa, por que isso tudo...

Era uma pandemia causada por um viro perigoso, mortal.

No entanto, parece que é como um sonho mau.

Estou com o coração aos saltos,

Pois para eu ficar em casa, é tudo de bom.

Dei um giro de 180 graus.

Além de todas as atividades que tenho,

Teria que arrumar mais uma.

Eu que pensei já ter feito de tudo na vida.

Me veio a ideia: vou colocar um horto,

E agora me vejo cuidando de um horto,

Como proprietária.

É um horto diferente, muito florido,

Com um nome que diz tudo: "Horto com amor".

E para completar a minha alegria e animar o meu viver,

Um grande e verdadeiro amor vim a conhecer.

É um namoro virtual, onde através do zap,

Nos falamos todos os dias.

Sei que ele é real, sinto que tudo que vivi até agora,

Não passou de fantasia, de mera ilusão,

Pois foi a ele que dei meu coração.

Rita Mattos



Rita de Oliveira Mattos nasceu em Feira de Santana-BA, em 20 de novembro de 1947; estudou e formou-se em pedagógico no Colégio Santanópolis; cursou a Faculdade de Pedagogia na UFBA; especializada em Orientação Educacional; especialização em Educação de Excepcionais na área de deficientes mentais na UFBA; pós graduada em Psicanálise Clínica e Didática pela Sociedade de Psicanálise Ortodoxa do Brasil; concursada no Estado de Sergipe, nível V-A; coordenadora da equipe de Orientadores Educacional do Estado de Sergipe; Orientadora Educacional do Colégio Anísio Teixeira; Orientadora Educacional da Escola Castro Alves; escritora de livros para os públicos adultos e infantis; membro da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana - ALAFS.

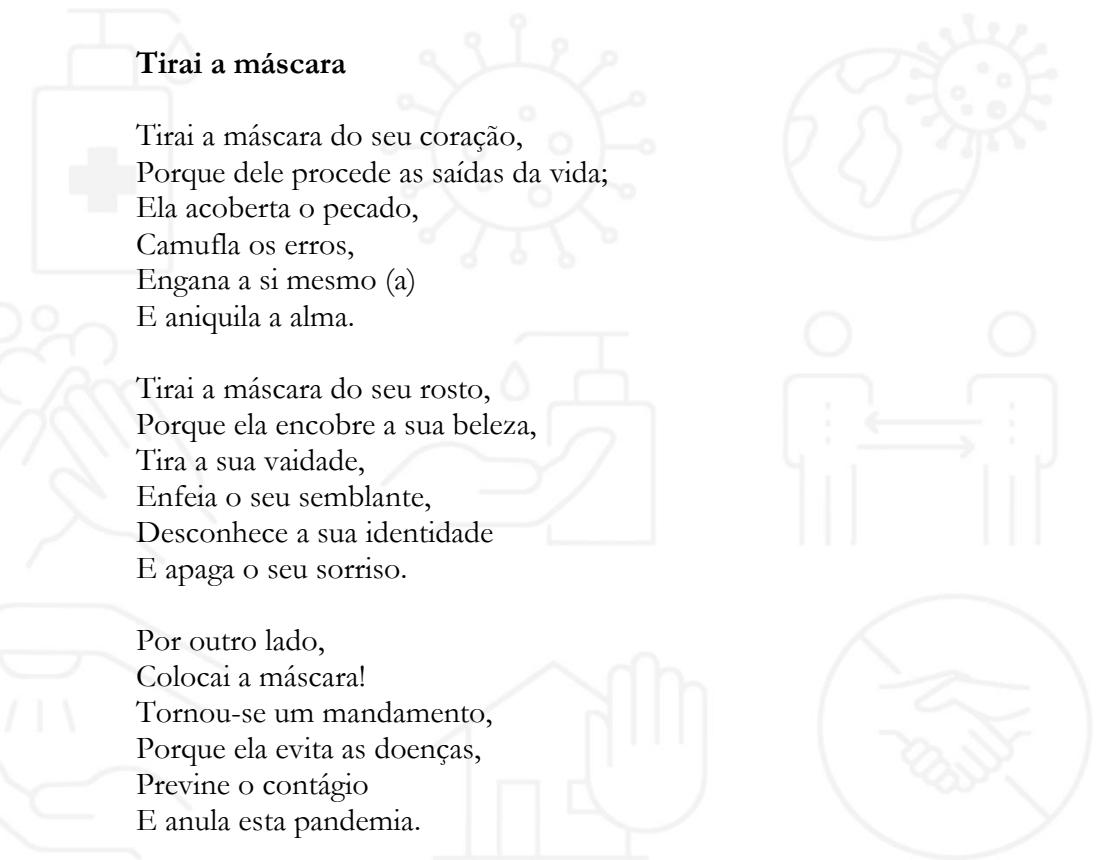
## **Tirai a máscara**

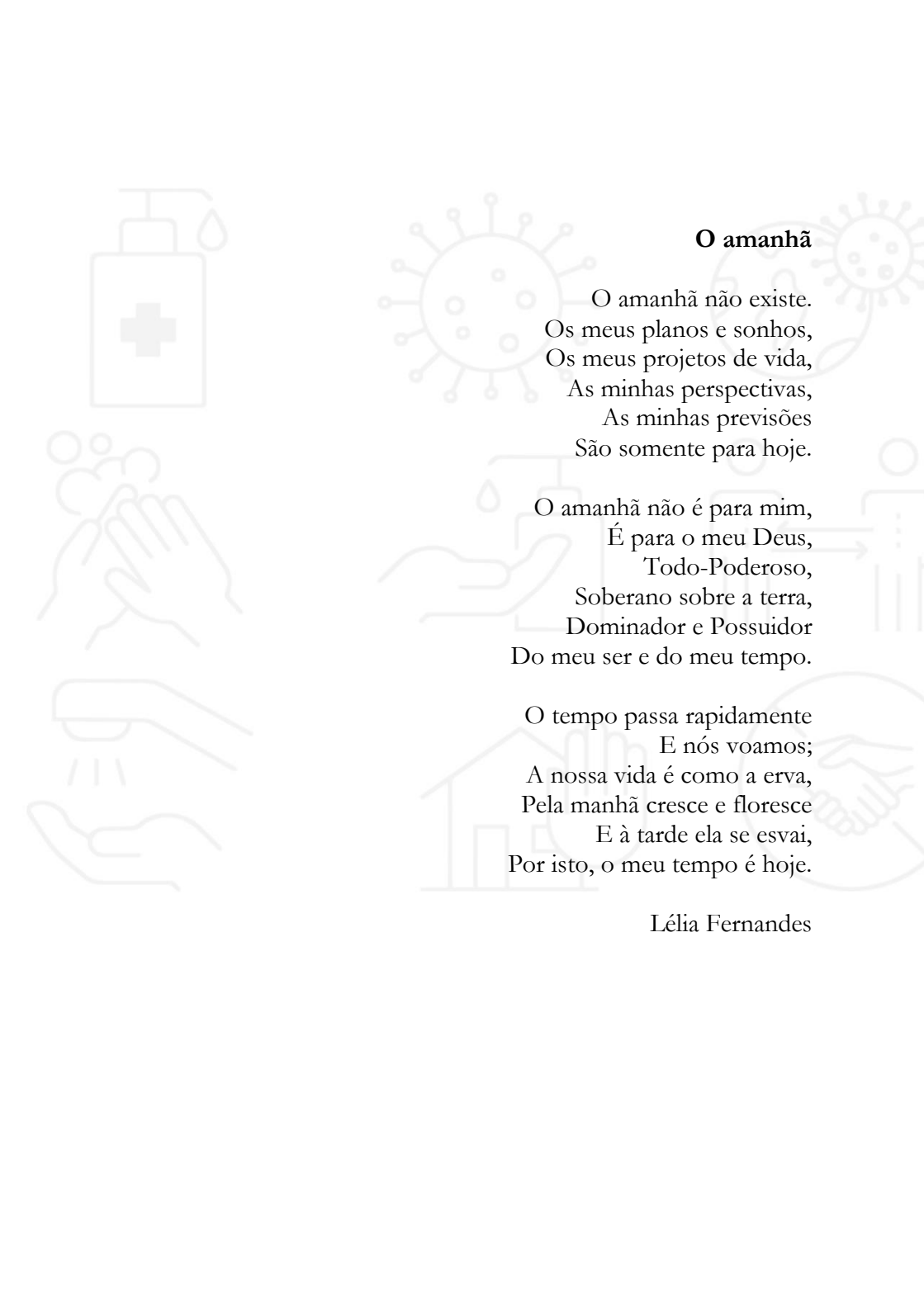
Tirai a máscara do seu coração,  
Porque dele procede as saídas da vida;  
Ela acoberta o pecado,  
Camufla os erros,  
Engana a si mesmo (a)  
E aniquila a alma.

Tirai a máscara do seu rosto,  
Porque ela encobre a sua beleza,  
Tira a sua vaidade,  
Enfeia o seu semblante,  
Desconhece a sua identidade  
E apaga o seu sorriso.

Por outro lado,  
Colocai a máscara!  
Tornou-se um mandamento,  
Porque ela evita as doenças,  
Previne o contágio  
E anula esta pandemia.

Lélia Fernandes





## O amanhã

O amanhã não existe.  
Os meus planos e sonhos,  
Os meus projetos de vida,  
As minhas perspectivas,  
As minhas previsões  
São somente para hoje.

O amanhã não é para mim,  
É para o meu Deus,  
Todo-Poderoso,  
Soberano sobre a terra,  
Dominador e Possuidor  
Do meu ser e do meu tempo.

O tempo passa rapidamente  
E nós voamos;  
A nossa vida é como a erva,  
Pela manhã cresce e floresce  
E à tarde ela se esvai,  
Por isto, o meu tempo é hoje.

Lélia Fernandes



LÉLIA VITOR FERNANDES DE OLIVEIRA:

Licenciada em Letras e Pedagogia, pela UEFS. Dentre as várias funções exercidas na área da educação foi Secretária de Educação de Feira de Santana/BA e de Santa Bárbara/BA e Diretora do Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana. Na área cultural é membro fundador da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana, atualmente é Presidente; membro da Academia de Cultura da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana; membro Honorário da Academia Internacional de Letras, Artes e Ciências com sede em Buenos Aires, Argentina; membro da Accademia Superiore di Crescita Personale da Itália; da Academia de Educação de Feira de Santana; da Academia de Letras, Música e Artes de Salvador; da Academia de Letras e Artes de Fortaleza/CE e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Já publicou 30 livros. Além disto, é poetisa, pesquisadora, memorialista, teatróloga, palestrante, filatelista e numismata.





## Covid 19

Sem esperar,  
Aconteceu o inesperado,  
Causando aflição,  
deixando o mundo abalado.  
Gerando polêmica,  
Medo e desconfiança,  
Fazendo a população,  
Aos poucos, ir perdendo a esperança.  
Alguns duvidosos,  
Outros, respeitam a quarentena,  
O mundo inteiro parou,  
Quando o vírus entrou em cena.  
Fecharam-se as escolas,  
interromperam as viagens,  
O que pra mim é cuidado,  
Para muitos é bobagem.  
Trabalhadores desempregado,  
Os patrões sem os funcionários,  
Reduzindo a carga horária,  
Dos poucos que restaram.  
Médicos em luta, sacrificando o seu futuro,  
Fazendo jus o seu diploma,  
Com mérito e orgulho.  
A luta não é contra o homem,  
O vírus?! Sim, ele existe,  
Não é um resfriado qualquer,  
Ele se chama Covid.  
Invenção de cientistas? Ou o início do final?  
Cada um tem uma especulação,

Para esse vírus letal.

Alane Alves Pereira

## O que eu quero

Quero sair,  
sem ter medo de ser julgada,  
Quando minha renite ataca,  
Ou quando estou resfriada.  
Quero te olhar sem medo,  
Sem ter que me afastar,  
Não quero ser julgada,  
E não quero te julgar.  
Quero um sorriso no rosto,  
Cheio de confiança,  
Quero um abraço apertado,  
Sem manter a distância.  
Quero comemorar com a família,  
Juntinhos e misturados,  
Dia das mães, dia dos pais,  
Todos os feriados.  
Quero viver sem aflição,  
Não quero ser encarada,  
Desculpa se exagerei,  
Ou se agir de forma errada.  
Queria voltar ao tempo,  
Fazer tudo o que eu não fiz,  
Aproveitar todas as chances,  
Que me faria feliz.

Quero que ninguém sofra,  
Mais isso é o meu querer,  
Mas pra manter o vírus afastado,  
Também depende de você.



Alane Alves Pereira



Escritor(a) e compositor(a) Alane Alves Pereira nasceu em 24/05/1995 na cidade de Camacã-BA. Aos 15 anos descobriu sua paixão pela arte da escrita. Com 20 anos compôs sua primeira música aos 24 anos se inscreveu no concurso literário prêmio poesia agora outono 2020 sendo selecionada pela editora trevo com a poesia se cuidem.

## **Bailando com os anjos**

Busco no tempo a firmeza de uma época ancestral,  
Contraditória ao que vivemos nestas horas álgidas!  
Mesmo assim, cantarolo ao vento canções a mim fúlgidas.  
Anjos bailam à minha frente entoando suas belas melodias.  
Alaúde e Harpa efervescem minh'alma com os acordes que  
elevam os  
Amores d' minha vida.  
Oh! Que maviosas visões!  
Essas riquezas celestiais infiltram no bucolismo desta  
Humilde retirante.  
Apraza-me nos extensos pensamentos,  
Assegurados na sutileza de uma Força Maior!  
As nações enobrecidas ficam  
Com as presenças dos seres Angelicais, que nesses momentos  
Fazem as unificações fraternais no globo terrestre,  
Dando-nos oportunidades de bailar juntos na mesma sintonia  
vibracional!  
O meu coração a pulsar, exala o néctar de amor ao meu próximo,  
Elevando as ondas sonoras das Orações do Credo ao Pai Eterno  
Todo-Poderoso,  
Criador dos Anjos, dos Céus e da Terra!

Maria José Negrão dos Santos (Zezé Negrão)

## Atônicos com uma realidade

São muitas as informações que aparecem em um curto período!  
Vivenciamos em uma época de comportamento interrogativo,  
inverso aos dos nossos  
ancestrais.

As difusões midiáticas estimulam muitas das vezes interpretações  
indevidas.

As manifestações em grandes centros exacerbam as conduções  
isoladas que buscam as  
precauções no imune, tentando-os fragilizá-los.

O cotidiano protagoniza as nossas vivências nos palcos da vida!  
A solidude ameniza a falta do social costumeiro,  
abrasando o nosso querer na expectativa do  
toque libertário.

As ferrenhas palavras estabelecem na ignorância uma  
incompreendida ilusão!

Confundindo os fatores da realidade que burlam as causas  
humanitárias.

Atrocidades nos devidos sinais da vida,  
estabelecem o seu poder, acabrunhando os corações  
puros no amor!

Fraldam as consciências que na inocência são conduzidas aos  
caminhos obscuros!

A terra que dantes agonizava pedindo socorro,  
não mais chora a sua dor!

Apreciamos hoje os verdes campos silvestres, águas azuis,  
douradas e cristalinas!

Vejamos quantos animais cantam e ecoam no sopro do vento os  
seus ritmos selvagens?

O imaginário efervesce a liberdade nas criaturas, aplaudindo de  
sua maneira a mãe terra!

Exalamos o néctar da vida com a excelência da límpida  
atmosfera, nos favoráveis amanheceres!

Eis o momento oportuno para refletirmos com uma pergunta  
existencial!

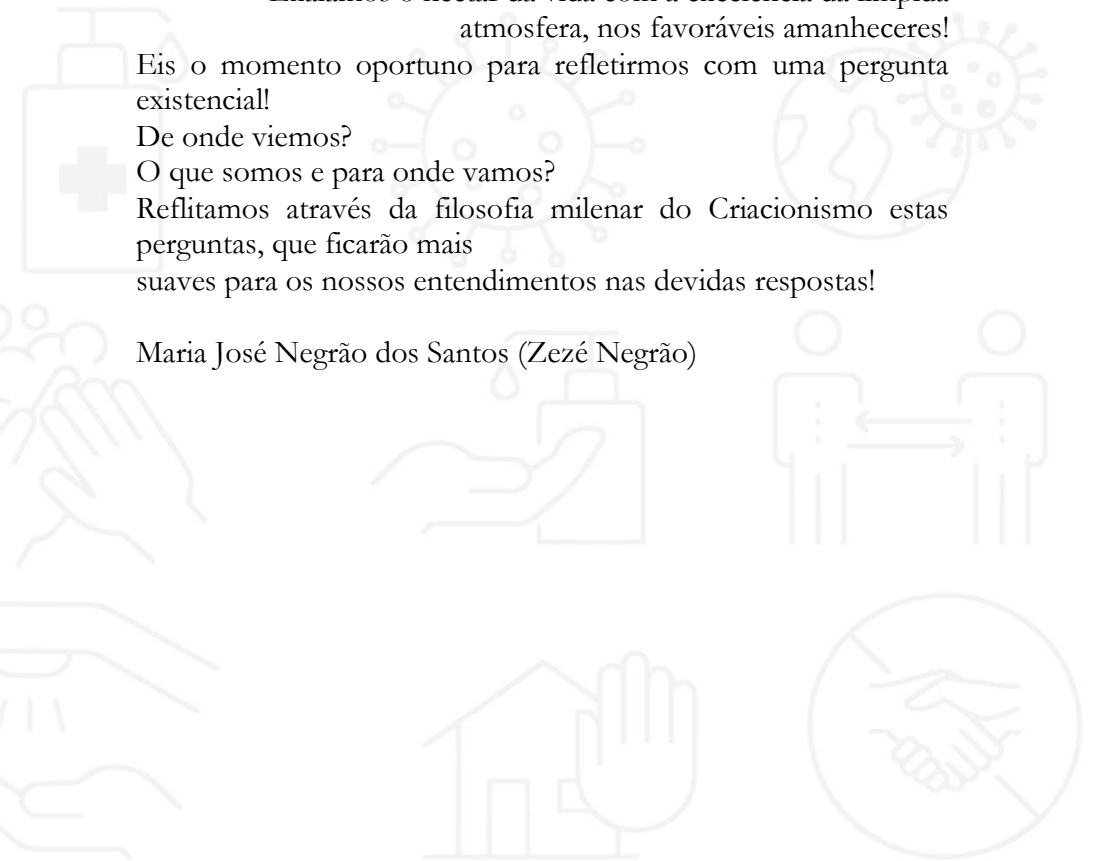
De onde viemos?

O que somos e para onde vamos?

Reflitamos através da filosofia milenar do Criacionismo estas  
perguntas, que ficarão mais

suaves para os nossos entendimentos nas devidas respostas!

Maria José Negrão dos Santos (Zezé Negrão)





Maria José Negrão dos Santos (*Zezé Negrão*), Formada em Magistério, Bacharel em Teologia, Terapeuta Holística, Doutoranda em Psicanálise, Bancária Aposentada, Escritora, Artista Plástica e Pesquisadora . Comendadora Titular por 2 Instituições Brasileiras, Doutora Honoris Causa por 3 Instituições Brasileiras, Embaixadora por várias Instituições Latina Americanas. Coautora em 48 Antologias a nível Nacional e Internacional, 5 em idiomas estrangeiros. Autora do Livro bilíngue infanto juvenil *A menina que falava com o beija- The girl who talked to the hummingbird*, com lançamento oficial no 32º Salão Internacional do Livro em Genebra Suíça em 2018, na cidade de Feira de Santana-BA, Itaberaba BA e Salvador-BA. Teve trabalhos em artes plásticas expostos no Louvre em Paris França, Canning House London-UK Inglaterra, El Museo Poeta Javier de La Rosa em Villa de Agaete Ilhas Canarias Espanha, Buenos Aires Argentina, Consulado em Santiago-Chile, Assunção Paraguai, Consulado em Genebra Suíça e em alguns estados brasileiros. Membro em diversas Instituições Culturais a nível Nacional e Internacional.



## Seu Nome

A máscara vem, está solta um pouco aqui, cai um pouco ali, aperta aqui, enrosca um pouco ali.

Mas com um jeitinho e um novo design ela se ajusta.

Ninguém estava com medo, até que seu Oraldo, meu amigo, de velhos e bons tempos, faleceu.

Ah, seu Antônio também, estava tão excitado e esperançoso com o aumento do delivery. Aos 45 anos, image só, apenas aos 45. Deixou 3 filhos. E Ana, ah Ana, tão bela e jovem, aos 25, enfermeira.

E o Jeferson, o moreno, robusto, adorava praticar ciclismo. Todos choraram. O adeus restringiu-se pelo facebook. Aclamações passadas, memórias enterradas, fotos curtidas. Também deixou dois filhos.

Circulou o mundo, deixou marcas de sobrevivência e luta, além de muitos óbitos. Desde jovens, adolescentes, idosos até crianças. Sem restrições, preconceitos, barreiras geográficas e classe social. Covid-19 esse é o Seu Nome.

Géssica Menino





## Isolamento Social

Carlos, nunca leu tanto, e nunca passara tanto tempo com a família. Paula, descobriu que adora comer pipoca no período da tarde. Pedro, descobriu o tédio, não via a hora de voltar a trabalhar e encontrar-se com os amigos.

Alice, menina esperta e sabida, ficou estudando no Khan Academy, pro vestibular. Joana, aproveitou a presença da neta e a ensinou a costurar. Ricardo, desligava a TV, toda vez que via qualquer tipo de notícia.

Sônia, passou a fazer curso online. Beatriz, descobriu que a mãe tinha sintomas de Alzheimer.

Laura, finalmente praticou a receita de regime. Lucas, descobriu seu gosto por violão. Paulo, morreu de tristeza, aos 95 anos, sozinho dentro de casa.

Carla, descobriu que estava grávida, então seguiu todos os canais e aplicativos sobre gravidez. Luiz, praticou muitos exercícios físicos, a fim de compensar o ganho de peso, e assim descobriu o basquete, além do futebol.

Jhonatan, criou um canal no youtube, que cresceu de uma maneira tão exponencial, que logo já se tornou seu próprio empreendedor. Muitas notícias tristes e muitas de superação. Muitas descobertas e muitas decepções.

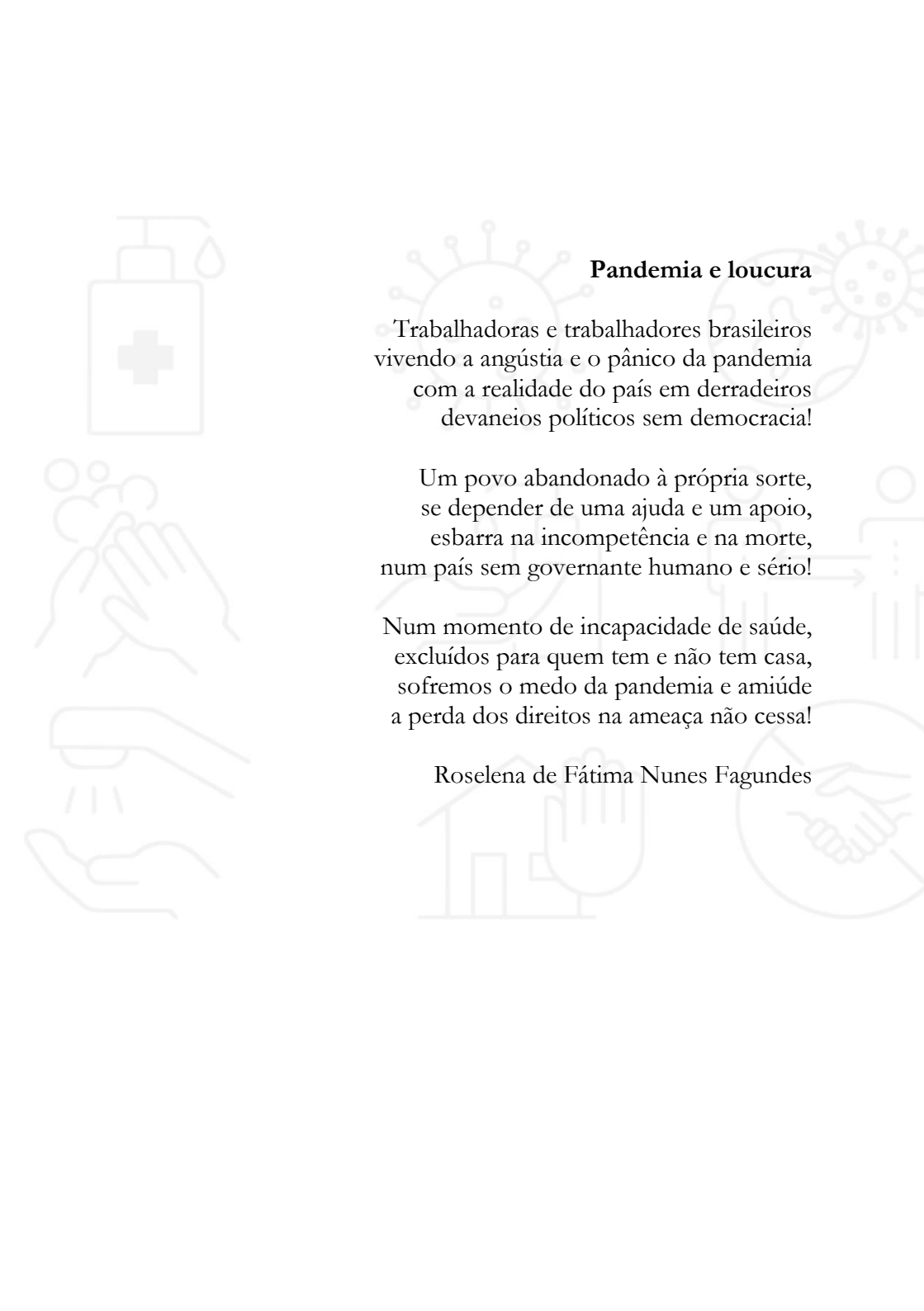
Muitos amores fortalecidos, muitos amores perdidos. Muita alegria, sorte, mas muito sofrimento. O vírus

Ainda circula e todos ficam sob tensão.

Géssica Menino



Géssica Menino, mãe do Christopher, uma das vencedoras do concurso literário nacional “Novas Contistas da Literatura Brasileira”, pela Editora Zouk, com o conto “As curvas do tempo”, publicado em 2018 e uma dos ganhadores do Concurso Literário da Academia Fluminense de Letras 2018, na modalidade conto, com o texto intitulado: “A vida de um casal de professores”. Autora de “As laranjas de Alice Mazela”, publicado na Amazon e autora do conto “Sem perder o ritmo”, publicado em 2020 na antologia “O lado poético da vida” e autora de dois poemas publicados pela 12ª edição da Revista Inversos “Eis O Verão” e “O Sublime” em 2020.



## **Pandemia e loucura**

Trabalhadoras e trabalhadores brasileiros vivendo a angústia e o pânico da pandemia com a realidade do país em derradeiros devaneios políticos sem democracia!

Um povo abandonado à própria sorte, se depender de uma ajuda e um apoio, esbarra na incompetência e na morte, num país sem governante humano e sério!

Num momento de incapacidade de saúde, excluídos para quem tem e não tem casa, sofreremos o medo da pandemia e amiúde a perda dos direitos na ameaça não cessa!

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

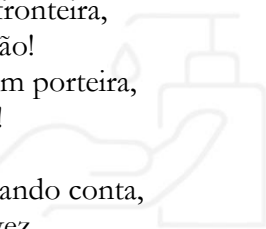
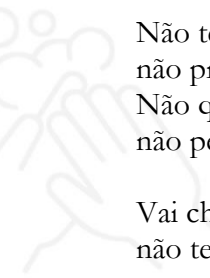
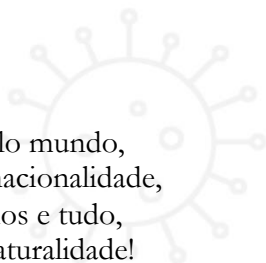
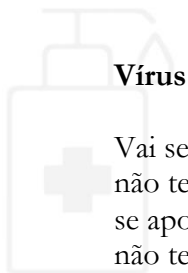
## **Vírus corona**

Vai se alastrando pelo mundo,  
não tem raça, nem nacionalidade,  
se apossando de todos e tudo,  
não tem cor, nem naturalidade!

Não tem país, nem fronteira,  
não precisa de opinião!  
Não quer tempo, nem porteira,  
não pede permissão!

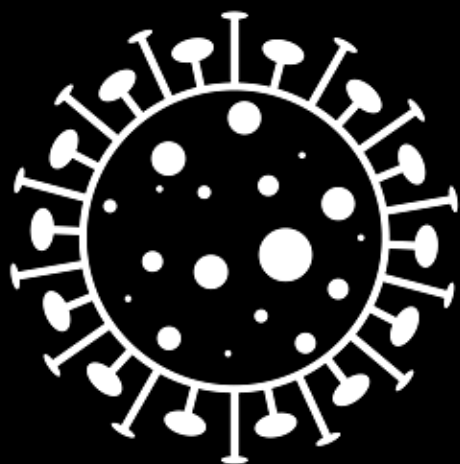
Vai chegando e tomando conta,  
não tem voz e tem vez,  
se apropriando de ponta a ponta,  
desconhece o mal que no planeta fez!

Roselena de Fátima Nunes Fagundes





Roselena de Fátima Nunes Fagundes: Brasileira, gaúcha e gabrielense. Professora, Pedagoga, Psicopedagoga. Poetisa e escritora. Pesquisadora e genealogista. Sonhadora e aventureira. Participação nacional e internacional em várias Antologias, Coletâneas, Revistas, Jornais, Bienais, Blogs, Saraus e Varais literários.



Coronavirus

O fim

Só depende de mim



